

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
—
APARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

(Continuação do numero anterior)

... A dynastia de Bragança não gostava do norte, guardava-lhe rancores de sangue real por ter sido elle o theatro da reacção democratica que terminou em 1848, asphyxiada no generoso sangue de heróes. As grandes idéas, as refórmias sociaes mais importantes brotaram no norte:—a primeira tentativa republicana se effectuou, antes do Tiradentes, em Pernambuco; a semente do movimento abolicionista fecundou, floresceu no Ceará, no tempo em que os seus filhos tinham liberdade de pensamento, de acção, garantias de vida, de propriedade; a primeira associação emancipadora foi fundada na cidade de Sobral pelo conselheiro Rodrigues Junior, de saudosissima memoria.

Muitos outros factos poderíamos citar para demonstrarmos que o norte intellectual, o norte fecundo pela energia indomavel de seus filhos, o norte inquieto, seduzido pelas illusões do progresso, não podia merecer o carinho, as sympathias da politica morna, malandra e machiavelica do Imperador, infenso aos lances de largo descortino e ás impaciencias das conquistas civilisadoras que se deveriam realizar a passo de boi, tardo, somnolento, pesadão, mas seguro. Elle pensava que os homens de rijo nervo, os grandes homens constructores da nossa nacionalidade tinham feito proezas precoces, incompativeis com a epocha, tinham avançado de mais prevalecendo-se da minoridade do monarcha, quando elle não tinha ainda vontade accentuada, quando elle não havia ainda desenvolvido aquella manha que abrolhou promettedora no — *quero-já*. Aquelles benemeritos malucos fizeram mais em vinte annos, de 1830 a 1850, do que nos quarenta annos posteriores; perpetraram coisas do arco da velha, chegaram á ouzadia

de ultrapassar os legisladores do velho mundo, dos paizes que eram os conductores da civilisação. Os codigos que elles fizeram, codigo criminal e o do processo, codigo commercial, o primoroso regulamento 737 e a lei das terras são admiraveis monumentos da cultura juridica daquella epocha.

Era de bom conselho pôr cobro á iniciativa, ás tendencias democraticas dos successores daquelles patriotas, adoptando essa famosa politica — *do vou pensar, do vamos estudar, do veremos*, que, sob o rotulo de primores de providencia patriotica, de sabias cautelas, levou sessenta annos a empacar, a puxar para traz, «carregando máus governos.»

O norte passou para a Republica com essa tára, ficou preterido de cambulhada com os Estados que não produzem café.

Dahi a conveniencia, a necessidade, a oportunidade da excursão que o sr. Andrade Figueira qualificou, com muito acerto, viagem de instrucção do sr. Affonso Penna.

Aquella zona do territorio nacional continuou fóra das sympathias dos presidentes da Republica, cujo governo, libertado da administração das antigas provincias, se centralizou no Rio de Janeiro, deixando os Estados automatados entregues ás aventuras da politicagem consagrada pelo saudoso sr. Campos Salles.

O sr. Affonso Penna váe apreciar *de visu* o valor real do norte, váe verificar a verdade e a calumnia do que dizem a respeito vózes interessadas, órgãos da justiça serena ou vehiculos de uma ambição incontinente, ou as cem tubas do engrossamento.

S. ex. encontrará olygarchias estupidas, bravias, ferozes, como a dos Acciols; encontrará olygarchias mansas, intelligentes, como a do sr. Benedicto Leite; a primeira, consumindo toda a renda do Estado, renda arrancada das entranhas do povo, no engordamento da numerosa familia; a

segunda, cuidando sollicitamente de melhoramentos materiaes e moraes do lendario Maranhão; a primeira, deixando a população ser dizimada pela peste bubonica, disfarçada sob a denominação de — *febre de caroço*; a segunda, tomando providencias energicas, contractando medicos, material de prophylaxia, enfermeiros, quando o mallevantino irrompeu em S. Luiz. Não é preciso pôr mais na carta para destacar em pavoroso contraste a figura dos dois governadores — o sr. Accioly e o sr. Benedicto Leite

Mas... como os governadores dos Estados nenhum valor teem pelos actos de sua administração, pelos beneficios que promovem; como elles sómente são considerados pelo apoio cego, incondicional que prestam ao Governo Federal, na consideração deste o sr. Accioly vale mais do que o sr. Benedicto Leite porque dá dez votos absolutamente cabresteiros, ao passo que os seis votos do actual governador do Maranhão nem sempre se resignam á obediencia passiva. De resto, quem dá dez deve merecer mais do que quem dá seis.

Nenhuma outra consideração preponderará emquanto os destinos do paiz estiverem subordinados á politica dos governadores.

O sr. Affonso Penna verificará que ha uma olygarchia de feitio especial no Estado do Pará:—a do senador Lemos, que é um *self made man* por ter chegado á politica pelo caminho da imprensa e ter sabido passar suavemente de redactor-chefe do jornal official do ultimo presidente da monarchia para director do mesmo jornal, transformado, da noite de 16 para 17 de novembro, em órgão do governo republicano provisório do Pará. O senador Lemos não tem filhotes, não se póde glorificar com a prole gananciosa do pagé cearense, mas conserva em torno de si um grupo de amigos fanaticos que o tornaram omnipotente. Graças ao perfeito funcionamento da sua

machina politica, as influencias locais mais preponderantes fôram trituradas nas inexoraveis entrosagens que não trepidaram ante a envergadura fortissima do sr. Lanro Sodré.

O senador Lemos é arbitro supremo da politica através do governo municipal, onde residem as chaves do seu prestigio. Elle faz a politica; o sr. Montenegro, seu preposto, pela segunda vez no governo do Estado por uma reforma *ad hoc* da respectiva Constituição, faz administração com tamanho acerto de vistas que já mereceu ser indicado para ministro da finança do futuro governo do sr. Affonso Penna.

Dizem as más linguas que o sr. Montenegro é um prisioneiro do senador Lemos, fecha olhos amigos aos excessos deste, ás violencias da sua politicagem compressor, lava as mãos como Pilatos e se identifica absolutamente como uma creatura se deve identificar a seu creador, ao homem que o elegeu, reelegeu e reelegerá, para conduzir os destinos do povo paraense, confiados definitivamente ás mãos omnipotentes do intendente municipal.

Mas a olygarchia paraense exerce um jugo suave comparado com a oppressão deslavada e estúpida da olygarchia acciolyua.

O sr. Affonso Penna verificará que, apezar dos contra, Belém prospera, caminha com segurança para realizar o prognostico de ser o mais rico emporio do commercio do norte, a Liverpool da America do Sul, ao passo que a capital de Ceará definha atrophiada por impostos barbaros, sem porto, enfraquecendo progressivamente pelo exodo dos seus habitantes, que vão procurar alhures meios de subsistencia, um refugio contra as garras do fisco, contra os bacamartes da milicia de capangas, contra a justiça que realiza perfeitamente a tradição condensada no antigo proverbio popular—*justiça do Ceará te persiga*.

* *

Nós faremos ainda algumas indicações uteis para o roteiro de viagem do sr. Affonso Penna, apontamentos que não serão de todo inuteis para o successo da viagem de instrução em boa hora projectada.

S. ex, si evitar as peneiras da lixsonja, os véos do engrossamento, verificará que lhe falamos com a sinceridade, com o amor que, nestes tempos de subservencia, não se pôde regatear a um cidadão que está eleito presidente da Republica.

POJUCAN.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

A proposito da carta do nosso collaborador o sr. Manoel Bomfim, publicada no num. 74, anno III, dos «Annaes».

MEU CARO WALFRIDO.—Então você, meu caro amigo, me cede as columnas da sua admiravel revista si eu entender que a coisa é respondivel, é capaz, e si eu tiver tempo?! Nem uma coisa nem outra. Mas, vá... Não deixa de ser divertido bulir com o agastado Bomfim, puxar por elle, porque, elle, como a rapaziada diz, dá sorte! E' verdade que, ás vezes, como agóra, Bomfim *estranha*... e tem gestos inconvenientes...

Em todo caso, eu devo dizer ainda a esse mal agradecido umas coisas que o levem, pelo menos, ao estudo.

* *

O Bomfim, como todo auctor que sente o pezo de censuras serias, nomeadamente quando esse auctor é um máu polemista, forçou demasiado a nota, quiz cantar em clave muito alta e desafinou completamente. E' lamentavel. Porque eu queria, já agóra, ser menos cruel com esse rapaz.

Percebe-se que está furioso e quasi não pôde raciocinar.

O exaggero da descompostura, da falta de respeito, atesta-o.

Em vez de um artigo de sciencia, ao menos da que elle sabe, saíu-se com um *xingamento* desesperado, como os que costumava fazer a finada *Izabel-Bóde* (Era uma preta doida das visinhanças do Engenho Bomfim) que o nosso jovem medico deve ter conhecido.

A meninada local já sabia dos setros e da facundia *descomponenciaes* da velha.

Provocava-a, e era um gosto ouvir o desespero a vociferar.

O jovem mestre do *Petalogium* é discipulo da mesma escola. A uma critica em que se falava, é certo, com intenção de corrigir, em *erros*, *ignorancias*, *disparates*, o moço retruca—espantando-me pela incivildade—numa descompassada grita de alta geringonça, em que os epithetos mais réles são atirados ao adver-

sario... *Falta de educação, furores da inveja, despeito minaz e vil, decrepitude ridicula e pretenciosa, xingador destemperado, logomachia dos degenerados mentaes, odio invejoso, prosa villã, remoque soez e aparvalhado, injuria insôssa, disseminador de insanidades mentaes, velho cacographo, verbocinante, pantano de ignorancias, invejas e vaidades, alma odienta e turva, insensatez accentuada na velhice, despeitos invejosos...* taes são as gaiatas gentilezas do *invejado* Bomfim sobre o pobre auctor dos artigos apreciativos da *America Latina*...

Verifica-se que a nota preponderante nas accusações que me faz é a da *inveja*... Em 5 ou 6 pontos da furibunda epistola, surge essa insinuação insistente.

Que se ha de responder, Santo Deus, a um homem que se considera trepado lá emcima do pinaculo das grandezas, a ser *invejado* pelos miseros mortaes, como eu?

Bomfim, nos intervallos que lhe deixa o *ciúme*, parece que cultiva a *psychiatria*; deve, pois, notar que essas fumaças de superioridades, de grandezas, da alta posição, alvo das *invejas geraes*, é algum tanto alarmante..

Voltarei, no fim desta, a dizer quatro palavras ácerca desse curioso caso de *inveja*.

Antes me é preciso apreciar o unico ponto da carta do pobre Bomfim que exige resposta: as barbaridades que disse sobre *periodo glaciario* em relação á civilização européa. Fiz uma leve referencia ao assumpto, quando falei na origem dos *aryanos*, si européa, ou asiatica, e decidi-me, sem a mais tenue sombra de dogmatismo, pela hypothese asiatica, porque, *quando, pela primeira vez, appareceram os aryanos na scena do mundo, metade da Europa estava em pleno regimen glaciario*.

Era um laço que armava ao *préasinho litterario*, na certeza de que o gentil animal havia de caír nelle. E caíu, como, nas macéguas de *capim-espêta*, abundantissimas nas cansadas e pessimias terras do Engenho Bomfim, cáem nas arapucas as *pucacús*.

O nosso esculapio caíu como um patinho, revelando que não sabe nada do assumpto.

Na ultima hora, abriu algum compendio de geologia dos mais fosseis, e atabalhoadamente aprendeu mal umas lambugens que, num grande gozo, atirou sobre mim, nestas profundas palavras:

«Para que o meu illustre amigo ajuize da ignorancia do tal critico nestas sciencias (*as naturaes*), basta lembrar-se disto: elle acredita e affirma que durante o periodo *glaciario* da Europa já existiam civilisa-

ções historicas na Média e na Bactriana!... Elle não sabe, bemaventurado!, que esse periodo glaciario foi geral para todas as zonas isothermicas do hemispherio norte — porque a metereologia não conhece as nossas convenções geographicas (*Que espirituosa novidade*). No emtanto, elle pensa que só a Europa — (*E' falso*) — porque só alli os vestigios do *diluvium* teem sido bem estudados — que só aquella parte do mundo (*E' falso*) passou pela phase glaciaria; e diz que, com esse periodo, coincidiram civilisações historicas na Asia. Não me espanta que um criticographo (*Forte palerma!*) considere as civilisações historicas da India e da Média contemporaneas do *diluvium*, que occorreu nos fins do periodo terciario — começo do pleistocenio (*Está errado*), justamente na epocha em que apparecem os primeiros signaes incontestaveis do homem no Planeta. Não me admira isto; elle está no seu papel de ignorante (*E si eu provar, como é natural, que a ignorancia é de Bomfim?*), disseminador de insanidades mentaes; o que me espanta é que não se lhe note nenhum movimento de pejo ao falar destas coisas.»

Coitado do *Invejado!* Tanta sandice! Que curto é — o demonio! Como dá trabalho, como é aborrecido lidar com um rapaz tão tapado! Bomfim não sabe nada de sciencia alguma e exactamente nas sciencias naturaes é que elle é completamente zéro. Tudo aquillo está errado.

Que trabalhadeira, meu amigo! Estou quasi arrependido de ter escripto aquelles artigos, porque só a elles devo a obrigação desta nova maçada: ensinar, de graça, a quem, nem siquer, entendeu o que se lhe ensina!

Mas, é o meu fado!

* *

Elle não sabe que se distinguem hoje os *grandes periodos glaciarios*, que apparecem intervallados por um milhão, ou mais, de annos, dos pequenos periodos glaciarios, cujo cyclo é de 21.000, alternados de polo a polo por 10.500 annos. Os primeiros occorrem quando se dá a *excentricidade maxima da orbita da Terra* e são geraes. Os outros se devem principalmente á *precessão dos equinoxios* e á *revolução dos absides*, que trazem como consequencia a *deslocação do centro de gravidade da Terra*, cumprindo não esquecer que nelles inflúe tambem consideravelmente a *maior ou menor excentricidade orbitaria de nosso planeta*.

Claro é que não me incumbe descrever os dois phenomenos e explicar-lhes miudamente as causas.

Cumpre-me apenas ponderar que, neste difficil assumpto, um dos mais complicados da physica terrestre, mes-

mo depois dos trabalhos de Adhemar e Croll, o Bomfim está ás cégas, porque nem siquer distingue as duas especies de *periodos glaciarios*.

E' por isso que não vê que, falando da Europa do norte e implicitamente da Asia e America *septentrionaes*, me referi ao ultimo periodo glaciario alli havido entre os annos 19,750 e 9,250, antes da éra vulgar, que pertence ao numero dos pequenos cyclos.

Ora, nesse meio termo as regiões asiaticas e africanas onde se desenvolveram as velhas civilisações do Egypto, da Chaldéa, da Assyria, de Babylonia e outras congeneres, estiveram immunes.

Depois de expor a theoria de Adhemar, que explica bem os pequenos phenomenos glaciarios, e a de Croll, a unica que explica os grandes, posto que ainda algum tanto lacunosa, escreve Alves de Magalhães no seu admiravel livro — *Nova Lei do Systema do Mundo*:

«Um dos efeitos da precessão dos equinoxios é a desigualdade entre as sommas das horas do dia e da noite nos dois hemispherios. Segundo affirma Adhemar, o hemispherio boreal, no seu ultimo periodo de calor, isto é, nos 10.500 annos anteriores a 1.250, teve 4.464 horas de dia e 4.296 horas de noite em cada anno, ao passo que o hemispherio austral, no periodo correspondente de arrefecimento, teve somente 4.296 horas do dia e 4.464 horas de noite. Esta desigualdade nas sommas das horas do dia e da noite, repetida durante o longo periodo de 10.500 annos, não pôde deixar de affectar o character das estações tanto ao norte como ao sul da linha equatorial. Emquanto um hemispherio, começando a gozar a preponderancia de estio, percorre uma série de estações desde as mais frias até ás mais quentes, o hemispherio opposto, começando a sofrer a preponderancia do inverno, entra numa série de estações desde as mais quentes ás mais frias.

Desde que num hemispherio se inicia o periodo de preponderancia de inverno, ha de operar-se ahi uma redução incessante de calor, um abaixamento progressivo de temperatura, que ha de produzir uma extensão, cada vez maior de gelos, que só attingirá o seu limite ao cabo de 10.500 annos.

A coincidência, neste hemispherio, do inverno com o aphelio, exercendo uma acção poderosa de arrefecimento, ha de ser uma causa de accumulção glaciaria.

No hemispherio opposto e no mesmo periodo, succede o contrario, porque a progressiva elevação da temperatura, por effeito da preponderancia do estio, deve operar ahi uma redução dos gelos accumulados no periodo antecedente.

A coincidência, neste hemispherio, do inverno com o perihelio, encurtando-lhe oito dias de luz e de calor, com que são augmentados os verões, é um factor que deve reduzir a accumulção glaciaria.

Consequentemente quando o hemispherio boreal passar por um periodo de arrefecimento, a temperatura do hemispherio austral elevar-se-á sensivelmente; e *vice-versa*, quando o hemispherio austral atravessar um periodo de frio; a temperatura tornará a elevar-se no hemispherio boreal.

O movimento da precessão dos equinoxios é assim a causa do *phenomeno glaciario que se alterna* (Aprende, Bomfim!) *periodicamente nos dois hemispherios* de 10.500 em 10.500 annos.

Eis a origem do que denominaremos — PEQUENO PHENOMENO GLACIARIO — para o distinguir das grandes invasões de gelos e das grandes catastrophes diluvianas, porque os GRANDES PERIODOS GLACIARIOS (Aprende, Bomfim) e diluvianos, que teem ficado assignalados na historia da terra, e o ultimo na historia da humanidade, só se repetem de milhões em milhões de annos.

Os cyclos de *variação da excentricidade da orbita terrestre* são incomparavelmente maiores que os da *precessão*, porque se realizam muitos cyclos deste ultimo movimento emquanto a *excentricidade é a mesma*.

Por consequencia, o movimento da precessão dos equinoxios ha de operar-se necessariamente numa das *grandes phases astronomicas*: ou naquella em que a orbita terrestre se approxima do circulo, ou naquella em que a orbita se afasta d'elle. No primeiro caso, a redução da excentricidade, que produz o resultado de approximar do Sol todo o Globo, ha de mitigar ou attenuar os effeitos da precessão. No segundo, o desenvolvimento da excentricidade, afastando simultaneamente do Sol ambos os hemispherios, ha de exaggerar os effeitos da precessão.

Si as diferentes estações dos dois hemispherios coincidem successivamente com todos os pontos da orbita que a Terra percorre, e por consequencia, com todas as distancias do Sol conforme o maior ou menor gráu de excentricidade orbitaria, conclúe-se que o grande phenomeno glaciario não se pôde attribuir unica e exclusivamente ao movimento da precessão.

A precessão não é nem pôde ser o phenomeno astronomico que explica as revoluções do Globo?

A coincidência do movimento da precessão e da revolução dos absides com o *desenvolvimento da excentricidade da orbita é a causa efficiente do GRANDE PHENOMENO GLACIARIO*, que se repete e continuará a repetir

indefinidamente no Globo em periodos immensamente distantes.»

E' evidentemente ao *derradeiro grande periodo glaciario* que se refere embrulhadamente o Bomfim, quando fala em ultimos tempos terciarios e primeira epocha quaternaria, ao passo que me reportava eu ao pequeno periodo glaciario de origem polar no hemispherio boreal, que foi succedido pelo actual periodo de calor do alludido hemispherio, periodo de 10.500 annos, que começou a declinar em plena idade média em 1250, periodo em que se tem desenvolvido a civilização européa.

Dest'arte, temos que de 19.750 antes de Christo a 9.250, distendeu-se um periodo glaciario nas regiões septentrionaes do hemispherio norte, comprehendendo quasi toda a Europa, e de 9.250 antes de Christo em deante um periodo de calor que começou a declinar, como disse, no anno de 1250 de nossa éra.

Pelos annos que se vão seguir até 11750, o frio irá crescendo progressivamente naquelle hemispherio e diminuindo no hemispherio do sul. Ora, é evidente que no periodo que precedeu na Europa a sua actual phase de calor, não houve allí civilização alguma, ao passo que já ella florescia no Egypto e nas regiões asiaticas do Tigre e do Euphrates.

Nem é isto descoberta minha; é observação feita, creio que a primeira vez, por Ad. d'Assier, nestas palavras: «Quando Augusto Comte estabeleceu que é dos seres vivos que a sociologia tira suas primeiras raizes, seus continuadores se puzeram a explorar com serio cuidado os diversos ramos da biologia para estabelecer as bases da sociologia. Entregues, porém, de corpo e alma aos ensinamentos da biologia e da historia, não podiam desconfiar que um dos factores mais consideraveis da dynamica social fôsse a applicação immediata dum grande principio da dynamica celeste, despercebido até agóra, posto se ache consignado em todos os tratados de astronomia desde Hipparcho. Queremos falar da precessão dos equinoxios, que os geologos consideram actualmente como a causa principal da *volta periodica das epochas glaciarias*.

Numerosas investigações, executadas nos ultimos annos para o estudo do homem quaternario, demonstraram que existe uma intima ligação entre o apparecimento dos phenomenos glaciarios e a direcção da corrente humana nas suas migrações no Planeta, a expansão das raças, o surto de sua actividade. Estabelece-se, desde então, no evoluer das sociedades, uma especie de fluxo, e refluxo que se manifesta por uma oscillação rhythmica do eixo da civilização. Outras conse-

quencias, não menos importantes para o futuro da humanidade, decorrem desta lei.

E' nella, por exemplo, que se encontra a razão dum facto ethnologico inexplicado até agóra (*Toma nota, Bomfim*). Queremos falar da enorme desproporção de idade que se observa entre os povos do occidente e as raças orientaes. Investigações recentes parecem estabelecer que os mais antigos vestigios humanos assignalados nas turfeiras ou habitações lacustres da Eruopa, não passam além de 7.000 a 8.000 annos. Resulta esta cifra da comparação de diversas médias fornecidas pelos sitios cujas camadas superficiaes encerravam medalhas romanas, que serviram de pontos de apoio chronologicos. Avaliando em 15 seculos o intervallo que nos separa da occupação romana, pôde-se calcular o tempo necessario para a formação das camadas correspondentes ás epochas de pedra polida e de pedra lascada; e limitar em setenta a oitenta seculos a idade do mais antigo desses depositos.

Ora, bem antes desta data, os paizes situados *entre os valles do Nilo e do Indo tinham sido o centro de tantas eclosões ethnicas*, que chegaram essas regiões a ser consideradas como o berço lendario da civilização. As nações do velho oriente fundavam cidades, levautavam imperios (*Vde vendo, invejado Bomfim!*...) escreviam seus annaes, emquanto nossos antepassados europeus não tinham ainda estabelecido suas moradas nas ilhotas construidas nos lagos ou nos pantanos turfosos.»

Segue-se uma larga analyse das chronologias orientaes que não urge citar, e conclúe o auctor que é um alto espirito, eminentemente culto e atilado; «Retomemos agóra nossa interrogação: porque motivo certos povos do Oriente se revelaram á historia de 150 seculos a esta parte, ao passo que as raças européas ha apenas 70 ou 80 seculos eram representadas tão sómente por tribus de troglodistas?

E' á theoria das *epochas glaciarias* (*Toma fogo, Bomfim!*) que se tem, cremos nós, de pedir a razão desse desvio. Privado de altas montanhas e tocando por sua extremidade meridional no tropico de Cancer, o Egypto esteve sempre ao abrigo dos phenomenos glaciarios (O auctor se refere aos da segunda especie, tão proficientemente distinguidos por Alves de Magalhães). Pôde-se dizer o mesmo das vastas planicies que decotam o sul da Asia desde as costas do Mediterraneo até ás da China.

O inverso se dá na Europa. Situada longe dos tropicos e confinando com os mares boreaes, ella é, pôde-se dizer, a terra classica dos periodos de

frio. O vasto manto de neve que cobre então *a maior parte* (*Toma nota, Bomfim!*) *de sua superficie* — faz parar o desenvolvimento de nossa especie. E só é, com effeito, após o recúo dos grandes gelos que se encontram nos lagos, nas cavernas e nas turfeiras, os primeiros vestigios das populações prehistorica.

Nas epochas anteriores encontram-se alguns fragmentos d'ossos humanos e esses restos vão se tornando cada vez mais raros á medida que nos approximamos da base dos terrenos quaternarios.»

O nosso illustre dr. Manoel — o *Invejado*, especie de d. Sebastião — o *Encoberto*, ouzou dizer que eu, com o proclamar essas verdades, estava no meu papel de *ignorante e disseminador de insanidades mentaes*..

Pobre do *Invejado!* Que rapaz estúpido!

Si eu, repetindo verdades, pois que não existe uma só proposição nos meus escriptos que não seja o resultado de acurado estudo, sou um *disseminador de insanidades mentaes*, que ficará sendo o *Imvejado Bomfim*, que tem vivido a dizer tolices, erros e dispartes?

Larga essa historia de letras, Manoel; toma o meu conselho: não tens embocadura para isso. Larga, larga e váe por ali além a receitar drogas e purgantes.

Mesmo nisso não farás bôa figura, por que és pouco intelligente; mas, emfim, é onde, apesar de tudo, poderás ficar. Mas toma cuidado que te não entrem a *invejar*..

E' onde está todo o perigo; si te entrarem a ter inveja, ficarás perdido; ficarás sem clinica.

Não ha nada como a inveja para perturbar os Bomfins. Causas profundas devem existir para isso.

Não poderei esmiiçal-as, porque não devo abusar do gasalhado que me dão os *Annaes*.

A's carreiras, pois, devo passar sobre as insinuações do Bomfim, além da tal dos periodos glaciarios, que ficou desfeita: a alludida *inveja*, o meu *lutsitanismo*, o *desconceito do publico letrado do Rio*, o *apreço dos sub-mediocres do interior*.

Com franqueza e sem a mais leve sombra de zanga, pois que estou a escrever estas linhas na mais perfeita calma, não sei porque é que o nosso manso Bomfim deu em se suppôr invejado.

Pela estirpe, pela geração, pela fidalguia da origem? Creio que não, e elle deve, provavelmente, saber o motivo.

Pela fortuna? Tambem não; porque o engenho, hoje de fogo morto, de nome Bomfim, que demora entre Aracajú e o Patrimonio, nunca prestou para

nada, desde os tempos dos paes do nosso querido esculapio. E' de pessimas terras pedregosas, onde só brota com fartura o malvado capim *espelta*... e a arvore chamada *pimenta*. Abundam nellas as cascaveis e pucaçús—espreitadas pelos caracarás.

Pela posição politica? Creio que não, a despeito da protecção do poderoso clan que dispunha até pouco tempo do Instituto Profissional.

Pelo valor scientifico e litterario? Menos ainda; porque o jovem Manoel *Invejado* é muito curto de intelligencia, tanto que, máu grado vinte annos de estudos, ainda diz—*prohibir de não fazer e a quatrocentos annos que se descobriu o Brazil*. Coitado! Socega a natureza, Bomfim; acalma-te e deixa-te de historias de *invejas*...

Meu novo e ferrenho *lusitanismo*.

Assim chama elle o desejar eu que as colonias allemãs do sul do Brazil sejam assimiladas ás nossas populações pelo uzo da lingua portugueza! Váe sem commentarios.

O merecer eu apenas alguma *consideração dos sub-mediocres do interior*...

Este illustre *invejado* ainda vive na tonta illusão de que o Rio de Janeiro é um grande centro de cultura, alguma coisa como a antiga Athenas, a velha Roma e as modernas Paris, Berlim, Londres e Vienna.

Ainda pensa que as portentosas notabilidades da litteratura carióca são conhecidas alli do Pão de Assucar para fóra.

Ainda pensa que os lettrados da porta do Garnier são de massa diversa daquella de que são feitos os de S. Paulo, Recife, Bahia, Bello Horisonte, Porto Alegre, Ouro Preto, Belém, S. Luiz, Campinas, Curytiba, etc, etc...

Ainda não pôde comprehender que a mocidade brazileira intelligente é a mesma por toda a parte e o animal litterario tem os mesmos predicados em todas as zonas do paiz.

Que moço curto!

Finalmente, o portentoso alvo das invejas assevera que *sou desconsiderado pelo publico lettrado fluminense*...

Neste ponto, poderia limitar-me a retrucar que não está por emquanto pertentemente demonstrado si é elle—certo publico lettrado que me aborrece, ou eu que o aborreço, a elle.—Mas não precisa, nem convém tomar esse caminho.

Farei outra consideração, em honra a meu tempo e ao meu paiz.

Houve no Recife uma velha famosa chamada *Joaquina Homem*, (Não confundir com a *Lusia-Homem*, de Domingos Olympio), que chegou a juntar avultada fortuna. Morava á rua da Imperatriz. Uma vez, foi passar um domingo no bello arrabalde da Magdalena. Os ladrões aproveitaram-lhe

a ausencia; arrombaram-lhe a casa e fizeram-lhe um saque em regra.

Quando Joaquina-Homem soube do occorrido, perguntou a quem lhe tinha levado a noticia: *fôram ao meu oratorio?*

Não; foi a resposta. «*Então não estou roubada!*»—retrucou a velha.

Diz o Manoel das Invejas que os lettrados brazileiros me repellem. Vá que seja.

Quaes são elles?

Entre os mortos, meus conhecidos, Tobias Barreto, Franklim Tavora, Celso de Magalhães, José do Patrocinio, Theophilo Dias, Ferreira de Araujo, França Junior, Victoriano Palhares, Urbano Duarte, Raul Pompéa e outros e outros, de quem recebi innumeradas provas de consideração, escriptas ou oraes, estão no numero? Não!

Dentre os vivos Rio Branco, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu, Raymundo Correia, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, José Verissimo, Graça Aranha, Fausto Cardoso, Laet, Affonso Celso, Magalhães de Azeredo, Arthur e Aluisio Azevedo, Domicio da Gama, Lopes Trovão, Oliveira Lima, Mucio Teixeira, Emilio de Menezes, Souza Bandeira, Rodrigo Octavio, Samuel da Silveira, Domingos Olympio, Mello Moraes Filho, Liberato Bittencourt, Luiz Pisa, Arthur Guimarães, Augusto Franco, Arthur Orlando, Clovis Bevilacqua, Phaelante da Camara, Alfredo de Carvalho, Barbosa Lima, Lauro Sodré, Urbano Santos, Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Martinho Garcez, Gumersindo Bessa, Joaquim Catunda, Rodrigues Peixoto, Coelho Netto, Olavo Bilac, Assis Brazil, Justiniano de Mello e outros e outros, que não cito para não fazer uma *carta de nomes*, de quem tenho recebido inequivocas provas de apreço, escriptas ou oraes, estão no numero? Não! Então, não estou roubado!

Onde, pois, o ingrato do rapaz foi buscar essa excellente pilheria de que os lettrados me repellem. Você—como toda a gente—pôde medir mais esta facecia do *parasitismo* do Manoel pela obrigação que ella me impoz de declinar nomes em meu favor. Peço ao meu caro amigo que o console, a ver si, menos ingrato, si menos malcriado, o rapaz recebe melhor, sem necessidade de castigo, as lições de que tanto preciza..

Seu, etc.

SYLVIO ROMÉRO.

As officinas dos «*Annaes*», dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

ARMADA NACIONAL

Os capitães de fragata—Estatistica dolorosa — A reorganisação da esquadra — Os almirantes e commandantes.

A' proporção que a nossa analyse se váe referindo a postos menos elevados, naturalmente o numero de individuos a analyzar, em cada posto, váe augmentando; assim, no quadro que ora estudamos—o dos capitães de fragata—além daquelles de que já nos occupámos, (vide os nums. anteriores dos *Annaes*) teriamos ainda de nos referir a 30. Ora, isto tornar-se-ia insupportavelmente fastidioso; o occuparmo-nos de cada um delles detalhadamente tomaria espaço e tempo, e cansaria o espirito do leitor. Como os factos que temos relatados são irrefutavelmente exactos, e como irrefutavelmente exactas são as conclusões a que temos chegado, não será facil suppor que de ora em diante vamos faltar á verdade, porque não apresentemos, com minucia, os factos para estabelecer os corollarios. Então, mais de alto, menos detidamente nos referiremos a cada quadro; e, para comear, concluiremos já com essa feição o estudo do de capitães de fragata.

* * *

Dos 30 que deixáramos para analyzar agóra, diremos: um viveu, sem interrupção, de 1885 a 1904 (dezenove annos!) nas flotilhas de Matto-Grosso e Alto Uruguay; fóra dahi, não exerceu nenhuma commissão, e mesmo lá, nessas flotilhas fluviaes, nunca soube o que é viajar! As promoções a primeiro-tenente, a capitão-tenente e a capitão de fragata lá o encontraram, e hoje, promovido ao ultimo posto ha cerca de dois annos, vive em terra!

Dois outros, ha dez annos, revezaram-se no commando da barra e no commando da flotilha do Rio-Grande do Sul. Sem viagens como officiaes superiores, pouquissimo viajaram como subalternos.

Ainda outro consumiu todo o tempo que passou como capitão-tenente e os quatro annos que já tem como capitão de fragata, entre o arsenal de marinha do Rio de Janeiro, o commando de um calhambeque em concerto e o commando de uma flotilha. Deve-se acrescentar que durante o tempo em que foi primeiro-tenente só exerceu com-

missões em terra ou em flotilha. Esse tem um digno emulo, que, comtudo, quasi obrigado, realizou, commandando duas viagens pela costa do Brazil, uma das quaes de 15 dias, viagens em que o encarregado da navegação tudo fez.

Seis annos de capitão-tenente consumiu um outro como immediato da Escola Naval; saíndo dahi, foi, durante um curto periodo, immediato de um navio em concerto, e agóra, ha dois annos, exerce uma commissão em flotilha.

Mas, em geral, teem decorrido assim, nessas condições, os dezeseis ultimos annos das carreiras de todos os capitães de fragata, que não teem, na média, mais de 30 a 32 annos de vida militar. Dos trinta, cuja analyse deixáramos para este artigo, incluindo esses seis dos quaes acabamos de falar, no posto que ora occupam, só exerceram commissões no mar, sete, —sendo, quatro na qualidade de commandantes e tres como immediatos! E durante o tempo de capitães-tenentes, viajaram não mais de oito! No emtanto, o mais moderno delles tem entre esses dois postos, doze annos! Isso quer dizer, resumindo, que 22 desses officiaes fôram promovidos a capitães de fragata, sem terem feito sequer um dia de viagem como capitães-tenentes. E si dissermos ainda que, como officiaes subalternos, desses 22, a grande maioria tem, no minimo, uma ou duas viagens; si accrescentarmos que os seus embarques teem sido sempre em navios imprestaveis, em eternos concertos e portanto immoveis, e si ainda allegarmos que nenhum desses officiaes se applica, estuda, discute assumpto tecnico, ou escreve, teremos perfeitamente definido esses 22 capitães de fragata, —incapazes em geral de levar, por esforço proprio e com segurança, um navio á Bahia ou Pernambuco, de distinguir um canhão Krupp dum Armstrong, de lançar um torpedo ou de classificar uma caldeira.

Si agóra juntarmos a esses 22, quatro dos que estudámos em nosso artigo anterior e que fazem parte dos já celebres seis promovidos por merecimento, quatro incompetentes como ficou provado; si dissermos ainda que daquelles oito que viajaram, como dis-

semos acima, seis viajaram, conforme se diz na marinha, *como um cabrestante viaja*, poderemos concluir, emfim, que 32 dos nossos capitães de fragata são perfeitamente incapazes. Serão mediocres dois; competentes são apenas tres; dois são invalidos.

E' dolorosa a estatística, mas é exacta.

A culpa de tal desastre não cabe inteiramente aos mesmos officiaes? Realmente não cabe inteira, mas em grande parte lhes pertence; demais, não investigamos agóra as causas desse lastimavel estado a que chegou o nivel do saber profissional dos nossos officiaes superiores. Assignalamos apenas—como, aliás, convem ao espirito da nossa critica.

Muito mais animador do que o resultado a que chegamos sobre os capitães de fragata, é o que apresentaremos sobre os capitães-tenentes; não é, entretanto, o que devera ser, e tende a peiorar constantemente por causas multiplas, que tambem estudaremos.

Antes de encerrar o presente artigo, lembraremos que essa analyse sobre os nossos officiaes generaes e superiores, nós a começamos, suspendendo então o que iamos escrever sobre a projectada reorganisação do material da nossa esquadra. E' que queriamos mostrar o valor dos que amanhã, como chefes e como commandantes, vão dirigir, isolados ou em esquadra, os gigantes de 15.000 toneladas, que a nação váe adquirir. E depois de feita essa analyse, não nos fica a impressão de que esses mastodontes vão ser outros tantos *Borodino* e *Alexandre III*, *Oquendo* e *Viscaya*, *Affondatore* e *Re d'Italia*, *Neptune* e *L'Oriente*, e tantos outros vasos construidos para reorganizar o material naval da Russia, Hespanha, Italia e França, reorganisação que se levou a cabo, é certo, mas realisada desorientadamente e sem se procurar reorganizar tambem o pessoal, ou, pelo menos, melhorar-lhe o nivel do preparo profissional?

Sem pessoal (não precisamos de pôr o adjectivo), em que nos adeanta o material? E porque não se cuida, antes, como é natural, do pessoal?...

TONELEIRO.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA MONISTICA

Emmanuel Kant (que viveu o periodo de 1724—1804) resume toda a philosophia allemã do decimo oitavo seculo. Eivado de largas sympathias para com a revolução franceza, seu amor á liberdade e á justiça o collocára na direcção do pensamento que deu á historia da philosophia as lucubrações de Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer, von Hartmann. E' delle que partem Strauss, Renan, Vacherot, *O mundo como objecto da vontade e da representação*, a *Philosophia do Inconsciente* a *Historia do materialismo*, de Lange, a *Philosophia monistica*, de Ludwig Noiré. No seu bello estudo *Recordação de Kant*, Tobias Barreto faz suas as seguintes palavras de Helmholtz:

«A philosophia de Kant não teve em mira augmentar o numero dos nossos conhecimentos por meio do puro pensamento; porquanto o seu principio supremo é que *toda e qualquer noção da realidade deve ser bebida na experiencia*; mas o seu unico intuito foi o de inquirir as fontes do nosso saber e o gráu da sua legitimidade; trabalho este, que ha de sempre pertencer á philosophia, e ao qual nenhuma epocha poderá impunemente subtrahir-se.» E no que ahi fica dito, o eminente pensador sergipano divizava a perfeita concialbilidade da philosophia com as sciencias naturaes, claramente formulada por Helmholtz, pela delimitação dos dois dominios.

Deixando, porém, de lado quaesquer considerações criticas das muitas que tem despertado a *Critica da Razão Pura*, inquiramos qual a concepção philosophica desse grande espirito.

— O homem é uma combinação de duas naturezas: o homem phenomeno (*homo phenomenon*) sujeito ás leis do mundo organico, revestido de uma fórma sensível e material; e o *homo noumenon*, sêr racional livre, isento das leis do mundo visível. Assim estabelecida, a nossa razão funciona de dois modos: como razão pura, conhecendo as leis proprias do sêr moral, e como razão pratica, determinando o sêr moral ao cumprimento destas leis.

A liberdade, que para Kant é o fundamento e o mais nobre predicado do sêr moral, consiste em que se determine a si mesmo nas suas acções; sendo a determinação propria, automatica, o effeito do caracter racional e moral do homem. A vontade só é livre quando não é determinada por impressões que lhe façam desaparecer a espontaneidade da acção. Duas são as especies de impressões capazes de actuar na mechanica da vontade: os impulsos e paixões internas e as for-

ças exteriores. E daqui decorre que a liberdade, segundo o systema kantesco, existe para o homem debaixo de dois aspectos:—interna e externamente. O *noumenon* é o eterno incognoscível de sua doutrina. Eis, nos seus proprios termos, como, na *Critica da Razão Pura*, elle mesmo se deixou comprehender:

«Todas as tentativas no sentido de demonstrar a existencia de Deus partem, ou da experiencia, ou de suas qualidades particulares, reconhecidas como do nosso mundo sensível, elevando-se assim do mundo, e segundo leis de causalidade, até á causa suprema fóra do mundo:—ou não põem empiricamente em principio sinão uma experiencia indeterminada, isto é, uma existencia qualquer:—ou, emfim, fazendo abstracção de toda a experiencia, concluem inteiramente *a priori* de simples conceitos a existencia de uma causa suprema.

A primeira prova é a prova physiotheologica; a segunda é a cosmologica; a terceira, ontologica. Eu demonstrarei que a razão não adianta mais numa destas direcções (*a empirica*) do que na outra (*a transcendental*); e que é em vão que ella destende suas azas para elevar-se, só por força da especulação, acima do mundo sensível.»

Tal se offerece ao nosso estudo, em traços e principios geraes, a theoria de Kant, que, dominando a epocha, produziu a *Encyclopedia*, hoje de todo esquecida, quando a doutrina do philosopho tedesco renasce servindo de ponto de partida para todas as direcções do pensamento moderno.

O seu systema, actualmente fusionado com o *darwinismo* e com a philosophia de Schopenhauer, é que constitúe o monismo philosophico, propriamente dito.

A idéa fundamental do monismo, diz Tobias Barreto citando Noiré—«é que o universo compõe-se de átomos inteiramente eguaes, que são dotados de duas propriedades, uma interna—o *sentimento*, e outra externa—o *movimento*. Bem como os átomos, que lhe são inherentes, são tambem originariamente eguaes. Destas duas propriedades originaes, inseparaveis, resulta todo o desenvolvimento; ou, antes, o que se chama desenvolvimento é a somma, ou o producto da ambas; de modo que todo e qualquer desenvolvimento é reductível a uma modificação do sentimento.» Eis ahí, nesta concepção, claramente consolidadas:—a *evolução*, de Darwin; o *noumenon*, de Kant; e a vontade, de Schopenhauer

Para o monismo philosophico, o universo inteiro é *força e vontade*. «Como força, apparece; como vontade, é; on, para falar a linguagem de Kant, como

força, é *phenomeno*; como vontade, *noumenon*.»

Effectivamente, a despeito de cada vez mais reduzido pelo methodo das sciencias experimentaes, applicado modernamente ao estudo de todos os organismos vivos, o *noumenon* da doutrina kantescas permanece na philogenese das idéas, como ultimo reducto do absoluto, inacessível á verificação scientifica, estavel ao cerco das aperfeiçoadas armas da intelligencia.

Ninguem ha que, tendo conhecimento, mais ou menos verdadeiro, do desenvolvimento philosophico que, impulsionado pelo determinismo de Hobbes, *libertas non est volendi, sed quæ volumus faciendi*, se manifestou actualmente nos trabalhos dos Bains e dos Ribots, em suas analyses de psychologia experimental applicadas ao mundo da vontade, ninguem ha que deixe de admirar as riquezas das observações de Wundt e de abraçal-as, em quasi sua totalidade, como postulados scientificos.

O que, porém, releva ponderar é que a historia da sciencia é o catalogo das grandes desillusões humanas debaixo de todos os pontos de vista.

Fazendo do seu passado as tradições magnificas do Egypto e Phenicia, os poemas dos hellenos e dos romanos, as lendas biblicas, as memorias da idade média, e sobraçando igualmente os documentos da historia moderna, eterno caminheiro, que elle o é, a verdade tem surgido ao homem como as bellas miragens do deserto. Será que, no dizer de Gumplowiz, o famoso universitario de Graz, na *A lucta das raças*:—nenhum cerebro humano possa no seu desenvolvimento ultrapassar um certo limite de altura, pois elle é cerebro humano e participa da natureza do cerebro! ? Não é occasião de responder.

Voltando ao ponto precipuo—á concepção monistica do mundo, importa observar que o monismo naturalistico de Hæckel, não quer saber do que vae além de simples concatenação de causas e effeitos. Resultante da unidade de vistas adquiridas no dominio das sciencias naturaes, a causalidade é para elle a lei capital da empiria, o principio gerador de toda a experiencia. Da distincção entre motivo e causa, aquelle consciente e finalistico, esta cega e fatal, é que Tobias Barreto partiu para a refutação do *mechanicismo hæckeliano*, em nome da doutrina philosophica de Noiré.

Simplex expositor, não nos compete fazer a analyse da critica produzida contra o notavel auctor da *Historia da Creação Natural*.

Ernesto Hæckel cedeu ao pensador naturalistico do tempo e naturalmente ao poder do especialismo.

Basta affirmar que a parte do *sentimento* que o *movimento* não explica,

da philosophia de Noiré, não é outra coisa sinão o *noumenon* de que falava Kant, o resto mechanicamente inexplicavel de sua theoria.

O mundo, porém, para a concepção mechanica, não passa de uma cadeia de *porquês*. E' o ponto de vista ainda do materialismo de Moleschott e Buchner. Mas, si naturalmente nós somos o que comemos, no dizer de Moleschott, intellectualmente nós somos o que bebemos, isto é, o que assimilamos pelos sentidos, o que percebemos pelo intellecto.

A *Força e materia*, de Buchner, appareceu na epocha em que fôram produzidas a *Circulação da vida*, as *Cartas physiologicas*, de Vagner, e os *Quadros da vida animal*, de Vogt, o que importa dizer no periodo do maior florescimento do materialismo contemporaneo. Escripitor propagandista, Buchner exerceu um poder extraordinario no mundo intellectual allemão a cuja corrente, em nome das leis da casualidade, se deixou prender com o seu monismo naturalista o grande sabio da *Historia da Creação Natural*.

São da *Philosophia do Inconsciente*, de Eduardo von Hartman, os seguintes profundos conceitos relativos a Hæckel e o seu *mechanicismo*.

«O materialismo anterior a Darwin tinha unicamente negado o espirito de ordem na natureza, a despeito dos factos; o darwinismo reconheceu-o de novo, porém acreditou poder explicá-lo como o resultado de processos puramente mechanicos.

Ora, si se admite a ordem da natureza como um factio, e si se pretende ver nella o resultado de phenomenos mechanicos, chega-se á seguinte alternativa: ou a ordem dos phenomenos resultante do mechanismo da natureza não pertence á essencia das leis mechanicas naturaes e só existe a titulo de accidente, ou é uma consequencia imprescindível e incontestavel destas leis e sáe da sua essencia. No primeiro caso, desaparece de novo a pretendida possibilidade de explicar a harmonia dos phenomenos exclusivamente pelas leis naturaes da mechanica; porque o *acaso* torna-se o unico factor decisivo da presença da ordem, o que, por outras palavras, destróe a possibilidade de uma explicação por principios que obrem segundo um plano.

Com relação á sciencia que quer uma explicação por principios que obrem regularmente, subsiste a dualidade da regularidade mechanica e da teleologia, que fica inexplicavel. E' esta, no fundo, a posição em que se acha Hæckel, que a cada passo deve chamar o acaso em seu auxilio nas combinações mais inverosimeis.»

Para Du Prél, o elemento psychico é

portador não só de uma forma do consciencia, como ainda de uma força organizada. E Eduardo de Hartmam, no seu ultimo livro, traça do seguinte modo o ambito das causas finalisticas:

«O espirito individual, diz elle, é, segundo a minha concepção, um grupo relativamente constante de funcções inconscientes do Espirito absoluto, funcções que encontram no organismo que governam o laço de sua unidade simultanea e successiva.»

E, em seguida, elle o affirma ainda:

«A prova da persistencia provisoria do espirito individual depois da morte não motivaria siquer uma modificação do meu espirito philosophico no ponto de vista dos principios, porém ampliaria simplesmente o dominio das applicações em certa direcção; em outros termos, ella não vibraria golpe algum na phenomenologia do Inconsciente.»

O que acabamos de expender, basta para demonstrar que a critica do conhecimento ou *agnosticismo*, que vem de Kant, e o *fieri* constante do universo, como o comprehendeu Darwin, não podiam deixar de offerecer ao pensamento philosophico do ultimo quartel do seculo a doutrina agnostica evolucional de Spencer, cuja theoria passaremos a analyzar em suas linhas geraes.

PRADO SAMPAIO.

APANHADOS

Um novo livro de Kipling O ultimo volume de novellas de Rudyard Kipling, *They*, merece os elogios que os jornaes lhe prodigalizaram antes da publicação. Não se pensa ao ler as novellas, que o apostolo do jingoismo é o auctor desse livro cheio dum delicado mysticismo.

A primeira historia, que dá o nome ao volume, fala duma mulher cega; a sua imaginação povôa a casa de creanças queridas. Um dia um homem, mas um homem que comprehende, chega á choupana da cega; ahí elle ouve as risadas dos meninos que brincam e vê mesmo, algumas vezes, os mais medrosos occultando-se atraz das arvores, quando elle apparecia.

Kipling, depois de Mæterlinck e duma outra maneira, é o primeiro a penetrar o mysterio das almas cegas.

A sua heroina diz numa passagem: «Nós, os que nada enxergamos, não temos medo. As coisas exteriores tocam a nossa alma directamente. Vós, que enxergaes, tendes uma alma nos olhos; tudo vos infunde terror, tudo vos atemoriza.»

Federações de funcionarios da Inglaterra Agóra que, na França, as federações de funcionarios teem sido violentamente atacadas pelos jornaes, é curioso assignalar o acolhimento que lhes reserva, na Inglaterra, o novo gabinete liberal. A esse respeito, cita-se uma circular que fez successo.

O sr. Sydney Boxtton, o Post-Master geral, assegura que todos os empregados dos correios teem plena liberdade de fazer representações sobre qualquer coisa referente aos assumptos postaes. Elle reconhece as associações ou federações de empregados postaes, que estiverem devidamente constituídas. O Post-Master geral está resolvido egualmente a receber, com a mesma consideração, as representações de todos os empregados, feitas collectiva ou individualmente.

* *

Romance sentimental Com um titulo terrivel — *O beijo vermelho* — Maxime Formont publicou um romance que nos faz presentir a medonha emoção que os livros tragicos infundem.

Uma jovem da sociedade parisiense encontra, em Biarritz, um official hespanhol—especie de aventureiro e gentilhomem, que a impressiona por de mais; depois, ella percebe que ama o official. Dificuldades de familia, o ciúme tolo de sua governante, contrariam esses amores. Entretanto, o casamento está decidido; em muito breve, se realizaria o consorcio quando sobrevem uma desgraça horrorosa. Na vespera do enlace, numa corrida o official é ferido mortalmente. E é a governante abandonada, desprezada pelo militar, quem recolhe o ultimo suspiro do moribundo num beijo tragico, vermelho, dantesco.

* *

A avaliação do tempo pelos dois sexos O sr. Robert Mac Donnell observou, ha annos, que os dois sexos, em geral, não apreciam bem o tempo gasto; ha sempre muito exaggero, sobretudo da parte das mulheres, que avaliam em 10 minutos o intervallo de 1 minuto e meio.

Os professores da Universidade de Harvard, srs. Robert, Gerkes e Urbain, repetiram essas observações entre 251 rapazes de 17 a 23 annos e 274 senhoritas de 16 a 20 annos. Os

intervallos a avaliar eram de 18, 36, 72 e 108 segundos; as respostas fôram menos exactas dos lados das senhoras; os homens acertaram mais.

As avaliações das mulheres eram superiores á realidade emquanto as dos homens estavam muito abaixo do que deviam ser.

Essas experiencias não se acham inteiramente de accordo com as precedentes; pôde-se, porém, concluir, pelo menos provisoriamente, até que se resolva por completo, que os homens avaliarão o tempo sempre com um pouco mais de economia que o bello sexo.

* *

Um novo romance *Les Roquevillard*, de Henry Bordeaux, auctor do *Peur de vivre*, é a historia pathetica duma familia ameaçada de decadencia irremediavel pelo facto do ultimo descendente querer se occultar á tradição para gozar a sua felicidade particular. Mas o chefe da familia salva-a da ruina, heroica e tragicamente, cobrindo «o miseravel com a protecção dos mortos».

Toda essa lucta homerica, fremente de vida, tem por theatro a pictoresca Saboia.

O auctor expõe no seu livro a força de viver, que communica, segundo elle pensa, o sentimento da duração encarnado na familia.

* *

A alfandega de New-York O novo edificio das alfandegas de New-York, além de ser magnifico, distingue-se por uma verdadeira profusão de esculturas.

Para decorar a fachada principal, o escultor Daniel Chester French imaginou quatro grupos em marmore que representam a America, a Europa, a Asia e a Africa. Cada grupo é symbolizado por uma mulher sentada, mas em posições differentes.

O escultor representou a Asia como mãe das religiões, a tiara á cabeça, os olhos fechados, numa attitude cheia de dignidade e de mysterio. A America levanta o facho da liberdade. Apoiada na sphynges do Egypto, a Africa está adormecendo, e a Europa olha francamente para ella, consciente de sua força.

SCIENCIA E INDUSTRIA

A febre congoleza.—Estudos de Dutton Todd.—Experiancias de Karlinski, Schaudinn, Marchant e Salmibeni.

Dutton e Todd estudaram, em fevereiro do anno passado, uma febre reinante no Estado independente do Congo, que julgam transmittida por um acario, o carrapato — *ornitodoros Savignyi* — começando por se infeccionar absorvendo sangue virulento contendo *spirochaetae*. Rosh cofirma essa hypothese em trabalhos recentemente publicados. Seria, entretanto, prematuro confundir a febre africana com a febre pseudo-continua europeá attribuindo-as á acção do *spirochaetae*.

Durante muito tempo, se considerou a cimex — o percevejo dos leitos — agente da transmissão da febre europeá, supposição confirmada ao mesmo tempo pelas constatações de *spirochaetae* dotados de mobilidade no corpo cliosos insectos trinta dias depois de saciados com sangue dos atacados de febre, conforme as experiancias de Karlinski, e pela multiplicação dos *spirochaetae obermeieri* mas cimex, conforme Schaudinn.

Por outro lado, Marchant e Salmibeni demonstraram que a gallinha no Brazil é atacada por uma molestia fatal devida aos *spirochaetae* por via do carrapato — *argas miniatus*, que transmite o virus seis mezes depois de infectadas com o sangue corrom-

pido. Os *spirochaetae* se accumulam no carrapato onde proliferam em quantidades espantosas. Schaudinn e outros reconheceram o *spirochaetae pallida* na syphilis do homem; Metchnikoff e Roux confirmaram-lhe a presença no macaco inoculado pela mesma molestia.

Todas essas observações indicam e demonstram que os insectos alojam durante tempo muitas parasitas infecciosas. Os trabalhos emprehendidos por Dutton e Todd sobre carrapato congolez e a febre que transmittem, deverão esclarecer esse importante estudo dos phenomenos morbidos conductores á descoberta de um serum immunisador.

Com o quadro que publicámos no num. anterior dos « Annaes », relativo á porcentagem, sobre o computo geral, das differentes affecções mentaes observadas no Hospicio Nacional, e o que se segue, terão os nossos leitores por onde julgar dos grandes serviços prestados ao publico e á sciencia pelo maior dos nossos estabelecimentos de alienados.

Quadro estatistico de enfermos do Hospicio Nacional de Alienados durante o anno de 1905

	HOMENS			MULHERES			MENINOS			MENINAS			TOTALIDADE		
	Nacion.	Estran.	Somma	Nacion.	Estran.	Somma	Nacion.	Estran.	Somma	Nacion.	Estran.	Somma			
EXISTIAM EM 1º DE JANEIRO DE 1905															
{ Matriculados	314	146	460	325	89	414	20	3	23	11	11	908		
{ Em observação.....	8	8	16	12	2	14	2	2	1	1	2	34		
Somma.....	322	154	476	337	91	428	22	3	25	12	1	13	942	942	
ENTRADAS.....															
{ Entraram em 1905.....	287	157	444	249	53	302	8	1	9	11	1	12	767		
{ De regresso de licença.....	3	3	3	3	6		
{ De regresso de evasão.....	1	1	2	2		
{ De regresso das colonias.....	2	1	3	3		
Somma.....	393	159	452	252	53	305	8	1	9	11	1	12	778	778	
NUMERO DE ESTADIAS NO DECURSO DO ANNO															
SAHIDAS.....															
{ Transferidos para as colonias.....	5	4	9	9		
{ Licenciados.....	16	2	18	13	2	15	33		
{ Evadidos.....	4	2	6	6		
{ Com alta.....	163	98	261	118	27	145	2	2	3	3	411		
{ Fallecidos.....	63	38	101	50	17	67	2	2	1	1	171		
Somma.....	251	144	395	181	46	227	4	4	4	4	630	630	
EXISTENTES EM 1º DE JANEIRO DE 1906															
{ Matriculados.....	330	154	484	378	97	475	20	2	22	14	2	16	997		
{ Em observação.....	34	15	49	30	1	31	6	2	8	5	5	93		
Somma.....	364	169	533	408	98	506	26	4	30	19	2	21	1.090	1.090	

1.720 doentes no Hospicio com 218 que estiveram nas Colonias sommam 1.938.

A idade do alcoolismo. — Estudos do professor Dana. — Os meios prophylaticos. — Instituições de premios.

O dr. Charles Dana, professor de neurologia da universidade americana de Cornell, Ithaca, nas suas investigações sobre o alcoolismo, cita numerosas observações que lhe permitiram verificar que a idade do alcoolismo começa antes de vinte annos e que poucos alcoholicos estréam depois dos quarenta.

Na sua opinião, o melhor meio de combater com successo o alcoolismo consistiria em prohibir, com penas severas, aos commerciantes de alcool vendel-o aos meninos e aos moços que não tenham attingido a maioridade. Seria essa a providencia radical para diminuir consideravelmente o abuso de bebidas.

Na Inglaterra, na Irlanda principalmente, as sociedades de temperança offerecem premios em dinheiro áquelles que se absterem completamente do alcool até aos vinte e cinco annos. Esse methodo é, sob certo ponto de vista, excellente, porque muitos moços chegam a prestar juramento de abstinencia convencidos pela esperança da recompensa em dinheiro. Ella produziria, provavelmente, menor effeito em França, onde, em geral, as resoluções são menos tenazes; mas a intervenção da lei fulminando com multa e com prisão os vendedores de alcool de todas as categorías, seria muito mais efficaz, teria, conforme o dr. Dana, uma acção mais energica: embóra não as eliminasse absolutamente, restringiria sensivelmente o numero das victimas desse flagello social.

Trata-se de obter do congresso dos Estados-Unidos uma lei naquelle sentido. Na Inglaterra, já se empregaram nesse sentido varias providencias de repressão legal, mas o alcoolismo faz ainda alli grandes devastações. Uma recente estatistica estabelece que sobre a população do Reino Unido, ha tres milhões de abstemios e quatorze milhões de meninos inferiores a quinze annos, o que redúz os consumidores de alcool a vinte e quatro milhões, observando-o annualmente na razão de 135 fr. por individuo. Calcula-se tambem que em muitas familias operarias inglezas, a 16ª parte do dinheiro se consome em bebidas.

Bebe-se mais na Escossia do que no resto do Reino Unido, e a despeza média, em alcool, cerveja e licores, nas Ilhas Britannicas, eguala por anno ao custo da guerra contra os boers.

Isto prova que as sociedades de temperança não conseguirão eradicar o alcoolismo.

A these do dr. Dana, desenvolvida com abundante erudição, com pre-

ciosos estudos praticos, é applicavel á Inglaterra e a todos os outros paizes, onde o alcoolismo constitúe um perigo para a segurança, para a saúde publica e para a raça.

A LIVRARIA

«MALSINADO» — ALFREDO DE SARANDY — EDIÇÃO DO CENTRO CATHARINENSE.

Malsinado, uma novella que appareceu ha pouco, em nobre e bem cuidada edição, representa a estréa litteraria de um moço, o sr. Alfredo de Sarandy Raposo.

Flavio, — assim se chama o heróe da novella, — pertencia a uma roda de bohemios e artistas que desde as primeiras paginas encontramos reunidos no café Criterium.

No dia em que o auctor nol-o apresenta, mais o seu grupo, o rapaz, «embóra de temperamento jovial, medullarmente ironico e sempre disposto á perversidade litteraria, mostrava-se casmurro, falava por monossylabos.» Os outros contrastavam com esse estado de espirito do amigo, num «riso intermino».

Determinou isso que Flavio, «absorvido pelo tedio, calado, quasi funebre», começasse a analyzar «a vacuidade ruidosa das palavras com que elles manifestavam a mais absoluta ignorancia, na irrisoria crença de que eram os reaes herdeiros dos penetrantes *oculos de Balzac*. Achava-os sublimes no ridiculo.»

Foi partindo desse ponto inicial que algumas horas depois, reconhecendo-se «livre, rico e forte», elle resolveu mas foi abalar daqui, onde tudo o cançava, onde «a immutabilidade lhe estava embrutecendo o cerebro, os nervos e a alma».

Assentou em ir para a Italia, projectando referir o seu projecto aos amigos dalli a alguns dias, que elle fazia vinte e um anno e os companheiros o tinham convidado para uma festa, uma «bohemia», em honra ao seu «grito do Ypiranga», conforme a phrase achada por um.

No Stadt Coblentz, depois da ceia, é que soltaria entre os do grupo, como inesperada bomba, a grande nova da sua viagem. E desde logo prelibava «os effeitos do ironico pinçel da surpresa bosquejando no olhar dos amigos a imagem aparvalhada da inveja inoffensiva».

Assim realizou, tanto mais que nessa noite já o tinham posto de máu humor como da outra vez e elle havia dito bôas a um delles, a quem chamou de «estupido» e «quasi torpe» porque o outro se poz a fazer ironias

sobre as suas relações com burguezes representativos.

Atirou-lhes a bomba num verdadeiro dithyrambo á Italia, o que leva certo gordo italiano, alli por acaso ceiando, a applaudil-o com ambas as mãos.

Os outros não fizeram sinão invejal-o, achar que elle era um feliz, e amanheceram pensando nisso, ruidos de tedio, «debruçados na amurada do caes Pharoux», só se recolhendo «ás seis horas batidas».

Nesse tempo, Flavio, bom gozador, já dormia profundamente entre os braços roliços de uma bella rapariga, sua amante, em Botafogo.

Nem ella, nem coisa alguma pôde impedil-o de realizar o magnifico projecto. Com a beldade até elle foi demasiado cruel, desconfio mesmo que incorrecto, partindo sem lhe dizer agua váe, a não ser que a sua generosidade anterior a tivesse posto a coberto das vicissitudes que se seguem a um abrupto abandono destes. O auctor não explica.

Vamos encontrar-nos com Flavio na immortal terra da Arte, dois annos depois, quando elle já «soubera curarse do mal romantico, reconhecendo os ridiculos de sua phase bohemia». Agóra «se sentia observador calmo, suas impressões eram claras», e sua phrase era sobria, quando escrevia. «Sobre tudo isso, gozava de uma perfeita serenidade d'alma.»

No emtanto, um anno antes escrevera aos amigos dizendo achar-se prostradissimo, num enfraquecimento geral. Sentia como que um deslocamento dos ossos, e appareciam-lhe agóra manchas avermelhadas pelo corpo. Naturalmente um pouco de sangue impuro».

Cumpria-lhe hoje desfazer no espirito dos companheiros os effeitos daquella ultima carta. Escreveu-lhes outra annunciando-lhes que estava em Roma, caminhando «sobre pedras que fôram deuses». A proposito, falou-lhes de Tasso, de Montaigne, de Ariosto, de Rabelais, de Hildebert, e tantos outros, citando por ultimo, como chave de ouro, bellas phrases do grande Goethe.

Essa feliz disposição perdurou. Depois de haver percorrido toda a Italia, passou a viver nos arredores de Roma, «meditando sobre as grandes creações italianas, tendo aprendido a amar com Virgilio a fecunda e reconfortante simplicidade.» Analyzára Goethe e Byron, «penetrando com Shakspeare pela arcada symbolica do templo architectado de mysterios.»

De tarde, arrastava «a poltrona es-carlate com passamanarias d'ouro» para o lado do occidente, «meditando nos grandes poemas, na esperança de

encontrar assumpto original e grandioso para sua obra de estréa.»

Uma noite, ella chegou a sentir «que a alma de Virgilio, o cerebro de Dante e o estylo de Homero se haviam congregado numa trindade symbolica, e se confundiam metamorphosados num sêr unico,» que era elle.

Dava-se isto no momento em que Flavio concebia a sua desejada obra. Esta chamar-se-ia *Alleluia*.

O sr. Sarandy Raposo dá-nos uma idéa do plano do futuro livro. Mas eu acho melhor desenganarmos o leitor desde já. O rapaz não chegou a tentar uma execução.

Foi-lhe ter ás mãos um telegramma com noticia inteiramente imprevista: a da morte de sua mãe. Mesmo sob o effeito da cruel impressão, Flavio não pôde fugir ao sentimento de revolta que lhe cauzou a fórma por que fôra redigido o despacho, tão laconica que chegava a ser desrespeitosa, tratando-se de quem se tratava, e isso por espirito de ridicula economia.

Essa noticia foi o inicio de uma outra phase para elle na lida, inteiramente em opposição a toda a sua existencia anterior. Abalou-o muito e pol-o em tal estado de espirito, que elle entrou a ter só idéas lugubres, voltando por fim as vistas com desusada insistencia para aquellas manchas que lhe andavam apparecendo pelo corpo.

Mas foi peor assim. A doença começou a se desenvolver assustadoramente, e no fim de alguns mezes a lepra, o mal dos lazarus, pronunciou-se de modo franco. O pae de Flavio, para occultar-se ás proprias vistas da esposa, já fôra morrer da mesma molestia num hospital de Minas.

Dahi por deante, o livro torna-se um diario de Job.

Flavio volta para o Brazil, gasta uma fortuna, tudo o que lhe restava, em tratamento severo, mas nenhum resultado obtem. O mal váe crescendo sempre. Faltando-lhe até os recursos materiaes para viver em installação propria, o malsinado resigna-se a entrar para uma pensão da rua do Lavradio, pertencente ao portuguez Manoel Fernandes.

Custa-lhe morrer assim anonymamente sem legar ao mundo um documento do seu valor. Demais, a pobreza a que se acha reduzido incita-o a procurar qualquer meio de obter algum recurso. Resolve então compor um livro, não mais aquelle glorioso projecto de Italia, mas outro que corresponda ao seu estado de alma actual, o diario do seu martyrio tremendo.

Quando a obra está prompta, encarrega um amigo, o unico que ainda não o abandonára, de procurar editor. Urgia o caso, porque o Manoel, dono da pensão, já andava pelos cabellos,

maltratando-o desabridamente, não só devido á molestia, que repugnava aos outros freguezes, como porque já havia um atrazo de tres mezes.

Mas o outro é mal succedido, ou porque não tivesse sabido se haver no negocio ou porque este não fôsse de todo possivel na occasião. Nada consegue, e ainda por cima váe contar o desastre com tanto desazo, até misturado de impiedade, que o enfermo perde as estribeiras, queima á sua vista o manuscripto devolvido e põe-no para fóra do quarto dizendo-lhe: — «Desapparece, cão!»

Neste ponto, termina a novella.

E' preciso que se leia o livro para sentir como essas paginas fôram apaixonada, mesmo dolorosamente escriptas.

Flavio é um egoista, parece que presumindo um pouco exaggeradamente de si mesmo, no emtanto sympathico, porque é um moço e á mocidade muito se perdôa. Vê-se, porém, que o auctor não é só complacente, mas de um affecto decidido pelo seu herôe. Não o maltrata nenhuma vez, e quando o mundo entra em attricto com elle, jámais é ao mundo que o sr. Sarandy dá razão. São sentimentos naturaes á paternidade.

Quem sabe si tambem não é o resultado da sympathia pela semelhança. Talvez muito me engane, mas me parece que neste seu personagem deixa o jovem auctor entrever mais de uma vez um traço que lhe é proprio. Por exemplo, aquelle calor de alma que elle dá ao inditoso Flavio, aquella ancia que lhe empresta pela estreiteza e mesquinhez do meio, aquella bella nostalgia que lhe attribúe pelos amplos horisontes da Arte, mesmo antes de os conhecer.

Como se terá visto do imperfeito apanhado que ficou para traz, si ha juvenildade flagrante nestas paginas, ao menos por outro lado ellas representam a mais séria intenção, põe-nos em convivencia com um espirito de moço a quem a vida futil e banal do commum dos seus contemporaneos absolutamente não sedúz.

Além disso, coisa que não se dá todos os dias, o sr. Sarandy estréa já com um estylo geralmente simples e viril, sem deixar de ter, no emtanto, os seus ornamentos de bom quilate. Ainda outro elogio que a poucos de sua idade cabe hoje em dia: elle conhece portuguez.

Só o que é para desejar é que fique menos amargo um pouco, de modo que suas concepções não sejam assim tão tetricas e cruciantes como este *Malsinado* de agóra. Sáe-se de taes trabalhos excessivamente oppresso, e os homens de hoje são muito commodistas para terem predileção por obras de arte que os façam soffrer

assim. Dahi, ser o resultado ás vezes um pouco diverso daquelle que se esperava.

NUNES VIDAL.

PAGINAS ESQUECIDAS

O NAZARENO

Neste fim de seculo, mais do que nunca, a alma christã deve exultar commemorando a Paixão de Christo.

A victoria do Nazareno foi estrondosa. A tempestade, accumulada desde a Renascença, estalou formidavel na Revolução Franceza. Nem altar, nem sacerdocio. Os templos fôram mais temidos que os alcouces. Havia tolerancia para a syphilis, mas perseguição obstinada á crença.

Amanhecemos este seculo, que morre, sentindo as consciencias mais sacudidas pelo espirito de negação do que as visinhanças do Vesúvio pelo abalo de uma erupção.

O Soldado de Deus, a França, desertando da Cruz, dava o signal de capitulação universal. O atheismo precisava de uma affirmação escandalosa do seu dominio e fez a Deusa Razão; precisava de uma fórmula e a teve — reorganizar, sem Deus nem Rei, pelo culto systematico da Humanidade.

A primeira não passou da demagogia; a segunda, porém, teve fóros de sciencia.

Na primeira metade do seculo, a fé christã andou aos ponta-pés das multidões revolucionadas. Na factura das Constituições evitava-se Jesus como no Evangelho o odre velho para o vinho novo.

Na segunda metade do seculo, o combate foi mais tremendo porque se incumbiu de feril-o a propria sciencia. Fóra das escolas, fóra da constituição da familia. Novo ludibrio da rua da Amargura; de novo, o apupo do poviléu. Pois não é que durante dezoito annos o intrujão passou por Deus? Não é que essa utopia da Redempção se propagou por centenas de milhar de gerações?!

Oh! a credulidade humana! Dizer-se que Elle viera no marmore e na téla de Miguel Angelo e de Raphael; na estrophe do Dante, na eloquencia de Bossnet, na musica de Palestrina, no sonhar de Colombo; que Elle repassára as almas como o perfume o am-

biente, e que ninguém sentia; ninguém pensava, que ninguém queria sinão de conformidade com umas parabolitas banaes que Elle, o embusteiro, andou a dizer pela bocca dos evangelistas, entre mulheres hystericas, peccadores e gafados de lepra e escrofulas ? !

Ha mais : felizmente a sciencia saíra da ganga da metaphysica; o raciocinio se emancipára da escolastica. Estava morta a meza da censura ; estava extinto o privilegio politico. A lei era a mais commum, não tinha mais predilecções. Na casa de Jacob, não havia mais Benjamins.

A lucta pela verdade era agóra tão natural como a lucta pela existencia.

Do mesmo modo que se reconstituíam as especies desaparecidas, se reconstituíam as sociedades e civilisações mortas.

Uma Biblia nova se organizava : a da luz, como a chamou Michelet, e não da dôr e da sombra, como a dos israelitas. Pelo Sinai, o Tibet; pela torrente de Cedron, o Ganges ; pelo cajado de Abrahão, o lotus viçoso.

O segredo da crença estava em Volney ; as *Ruínas* o haviam revelado. Em vez da Graça, a selecção natural ; em vez da excepção da consciencia, o determinismo da natureza ; a hereditariiedade e o atavismo explicando o homem, e a mesologia deprimindo a raça.

Tudo até então fôra mentira ; si a civilisação proseguíu e viçou foi por um poder de vida como o que transforma o estrume em corolla e em fructo. Nada mais.

Jesus não tinha sido um agente de progresso, mas um obstaculo. Inscrito nos angulos da Cruz, o espirito humano em vez de medir-se para as altas concepções, confinou-se no erro e na vulgaridade.

As palhetas que andaram a dar fórma aos anjos e ás monjas, aos martyres, teriam descoberto outros tons mais suggestivos si se tivessem consagrado a pintar a vida que se apregôa e goza. Si em vez de seguir os circulos do inferno, o Dante tivesse feito a volta da misera humana vida, com certeza seria o predecessor de Gall e de Lombroso.

Sobre o humilde prégador de parabolitas caíram, como avalanches, as grandes summidades mentaes. Que se

movesse mais agóra. Não eram os cravos do Calvario que o fixavam agóra á ignominia ; nem eram as leis scientificas que o prendiam agóra á eterna irrisão. Não obstante, todas as avalanches se degelaram e se converteram em agua chilra através da historia do seculo. Jesus, em vez de diminuir, cresceu.

A maioria da humanidade o guardava como tradição de familia, como o penhor da saudade filial aos paes mortos, e passou a invocá-lo pela consciencia de que só na sua palavra estão a esperança e a resignação.

Em vez de prejudicar, a divulgação das sciencias só serviu para comprovar a necessidade da fé.

Nunca houve maiores milagres da caridade.

Nunca se escreveu na historia humana uma systematisação de altruismo como a vida social deste seculo.

A politica sem Deus escravizou os povos ; a fé não reconheceu mais distincções na humanidade. Para a Irmã de Caridade, todo o homem passou a ser, na extrema miseria, a imagem do Creador. Jesus se fez sentir melhor pelo sacerdocio christão neste valle de lagrimas.

Póde-se dizer que este seculo é o da vaidade de Deus, porque elle nunca fez mais timbre em se mostrar na sua omnipotencia. Mostra-se na busca do infinitamente pequeno com Pasteur, revela-se no grandemente grande com Secchi.

Os que mais ardentemente o invocam são os que mais descobrem : a phantasia é mais deslumbrante nos que nelle crêem. A palavra dos seus apóstolos é mais medida e fulgurante. E' como si de novo se annunciasse pelas linguas de fogo.

O homem é iniciado no conhecimento profundo da materia : o microscopio, a radiosopia, a chimica organica entregam-lhe os segredos de todas as maravilhas.

O atomo é provado pelo não ha materia sem força, nem força sem materia. Não ha desvão que não seja esquadrinhado. A sciencia abre devassa em toda a natureza. E, não obstante, quanto mais se afunda, tanto mais se é arrastado para a certeza da dualidade da criação : a materia, quanto

mais conhecida, mais se differença do espirito ; isto é, o homem, quanto mais se sente homem, tanto mais sente a necessidade de explicar-se com Deus.

O conflicto da sciencia com a fé serviu sómente para demonstrar que Jesus foi o organisador sobrehumano da civilisação de que gozamos ; que na simplicidade dos seus Evangelhos está a vida eterna da palavra creadora.

Sente-se agóra que a fé está para o progresso como o ether para a vida da natureza ; que onde não está Jesus, está a morte do progresso.

Apezar de toda a perversidade humana, onde vive a fé christã vive o heroismo, vive a dignidade do homem. Quem crê se fortalece. O pensamento é mais largo ; o sentimento é mais profundo. A fé é a grande creadora ; está para a alma como o homem para a planta : enfibra, fronda, floresce, fructifica.

Oh ! bom Jesus ! que não tenhamos bastante força e entendimento para te comprehender, bastante força de vontade para te praticar !

Pae, que não dás pedra ao filho que te pede pão, sê bem dito pela tua infinita bondade, que atravessa toda a extensão do nosso peccado, como a luz e o calor as profundezas dos abysmos, si bem nem sempre a sensibilidade humana dê por elles.

Jesus, bom e meigo Jesus, ouve-nos do fundo da nossa miseria, não já por nós que esperamos tudo de tua clemencia mas pelo nosso povo, pela nossa patria, que é um fructo da fé em que nos educamos e deve por isto mesmo ser um caminho da tua misericordia.

JOSÉ DO PATROCINIO.

(Quinta-feira santa,
12 de abril de 1900.)

O ALMIRANTE (77)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXVI

Laura afastou-se visivelmente vexada, perseguida pelo investigador olhar de Amelia, e abriu a janella que dava para o jardim.

— Como este gabinete está abafado ! — disse ella, respirando a aragem da noite.

Uma onda de ar frio invadiu o aposento, imprimindo alegres movimen-

tos ao leque do gaz que o illuminava, destacando no espelho do toucador a figura de Amelia a pentear os cabellos, destacada num quadro refulgente, numa exuberancia de luz que lhe punha em admiravel relevo todos os contornos do corpo delicado, todas as linhas do rosto macerado por uma irreprimivel magua.

—Que differença—continuou Laura, debruçada á janella, de costas voltadas para a irmã—Como está agradável agora!... Que viração deliciosa!... Nada ha comparavel a respirarmos o ar livre, nesta nossa casinha, que parece alegrada com a nossa volta como si fôsse uma creatura penalizada pela nossa ausencia. Papae voltará hoje?...

—Sabendo que estamos aqui—ponderou Amelia—virá com certeza fazer-nos companhia. Tu estás triste. Tiveste pena de deixar o palacio?...

—Eu, não. Gosto mais do nosso cantinho, do que daquelles salões luxuosos, cheios de moveis de valor, de quadros, de retratos que nos importunam com o seu olhar fixo. Bem sabes que não gosto daquelle casarão. Por isto, quando lá estou prefiro sempre andar pelo parque, naquellas avenidas de jaqueiras onde a marquezia teve o máu gosto de sepultar os dois filhos... Eu não moraria alli naquelle palacio, que tem ares de convento...

—Eu tambem prefiro a nossa casa modesta, onde vivemos tantos dias felizes... Agora.. tudo váe mudar. Hortencia deixou-nos; mais logo, tu nos abandonarás.

—Eu? Não penso nisso...

—E ficarei eu cuidando da velhice de papae, ajudando mamãe...

—Eu não te abandonarei nunca, Amelia—disse Laura, voltando-se e abraçando a irmã, debruçada em pranto—Tu para mim és uma segunda mãe...

—E si te cazares?

—Si isso acontecer, não vejo necessidade de nos separarmos. Meu marido—acrescentou, sorrindo—não será de mais aqui... Mas fica tranquilla, irmã do coração. Não me passou isto pela cabeça sinão como um sonho.

—Já pensaste, então, no casamento?

—Qual é a moça que não pensou, sem querer, em um projecto, sem ter feito uma escolha?... E' tão natural... Disse-te ha pouco que, si gostasse de alguém, dil-o-ia francamente, confessaria, sem hesitar, o meu amor...

Nesse momento, rangeram os gonzos do portão, e a areia do jardim gemeu sob passos lentos, cadenciados.

—E' papae!—exclamou Laura, alvoroçada.

—Não te disse que viria fazer-nos companhia?—accentuou Amelia.

E as duas, compondo o ligeiro ves-

tido, fôram ter na sala de jantar com o conselheiro que, obediente a um velho habito, esfregava, cautelosamente, os pés no grande capaxo de côco.

—Estavam anciosas por mim, não é assim?—perguntou elle, depositando o chapéo e o guarda-chuva no cabide da entrada.

A creada accorreu tambem para entregar ao conselheiro a correspondencia recebida durante a sua ausencia. Elle sentou-se na querida cadeira de vime, onde saboreava as séstas e fazia a digestão.

—Papae quer tomar alguma coisa?—perguntou-lhe Amelia...

—O nosso chásinho não seria fóra de proposito—respondeu elle, armando os oculos de ouro e encetando a abertura das cartas.

—Ouviste, Rosa?—observou Laura á creada.

—O chá está prompto, sinhásinha—respondeu ella.

—Documentos do Instituto—murmurou o conselheiro, percorrendo uns papeis velhos, amarellados, tirados de um grande envelope. E' para o Tiradentes, que me não sáe da cabeça. Passando esta crise que me acabrunha, enpenharei todas as minhas forças para me libertar dessa maçada. Isto... isto é uma informação preciosa do meu eminente confrade Vieira Fazenda, um pesquisador erudito, cujo inestimavel valor só conhecem os amigos.

Este tem na cabeça um archivo, a historia do Brazil, a nossa historia verdadeira que não nos foi contada, nem ensinada pelos aulicos mediocres;—a historia que o Instituto, libertado das conveniencias dynasticas e protegido pelas garantias de pensamento outorgadas pela democracia, tem o dever, a obrigação de construir com a imprecavel argamassa da verdade ou fornecer a materia prima aos escriptores que se incumbiram dessa obra nacional... nacional e patriótica... Olhem... Aqui está uma carta do Sergio de Lima. Bom moço. Um tanto radical... Talento muito promettedor... Faznos as suas despedidas por dever partir em viagem urgente para o norte... Isto cheira a politica...

As duas irmãs se entreolharam instinctivamente. A's duas occorreu a mesma supposição de ser a politica um pretexto para Sergio afastar-se.

Depois de passar os olhos pela correspondencia, o conselheiro se aproximou da meza, onde fumegava a chavena de chá preparada por Amelia.

—Como deixou Oscar?—inquiriu Laura.

—Eu sei?...—respondeu o velho, com um desalentado gesto da veneranda cabeça.—Não me tenho aventurado a certificar-me da dolorosa realidade. A marquezia está muito espe-

rançosa de proximo restabelecimento. Eu, porém, considero aquelle caso muito grave, muito grave infelizmente. E' possivel, todavia, que uma reacção benefica, como diz o medico, resolva com successo aquella triste situação. Emfim... Tudo é possivel... Tua mãe e a senhora do Martins lá ficaram ao lado da marquezia, no posto da amizade e da gratidão? E vocês filhinhas? Estão fatigadas de tantas commoções?! Imaginem o que tenho soffrido, eu que não disponho de energias para defrontar esses lances que me sacodem sem piedade este velho organismo...

(Continúa)

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XVII

Antonio Carlos fez observações a respeito dos acontecimentos de 1817 em Portugal; vergastou, implacavel, o ministro José da Silva Carvalho; alludiu á conspiração do marquez de Villa-Real e do duque de Caminha contra d. João IV.

O orador paulista, com vehemencia, analyza todas as opiniões manifestadas nos debates e voltando-se com um gesto imperioso e com vóz solemne, brada:—«desenganemo-nos, sr. presidente, a força e a justiça é só quem erige; quem conserva os governos; tudo mais é expediente de timidos e ignorantes empiricos...

Diz o nobre preopinante que o ministerio, que prendeu e deportou sem culpa, ganhará com a amnistia.

Como! Haverá quem lhe agradeça não continuar uma injustiça de que, dizem, fôra auctor, só porque não tem poder para continuar a ser injusto?

Sr. presidente, si o ministerio errou, emendemos o seu erro; se peccou deliberadamente, punamos os seus crimes; si desgraçados sem delicto provado teem soffrido como criminosos, recorram á justiça nacional: ella não recuzará ouvil-os; mas não se nos proponha que demos, como favor, o que é de obrigação; que dispensemos, como graça, o que é de justiça:—isto nunca votarei eu! O meu grito d'armas é justiça a todos e contra todos.»

O orador, com magestade olympica, assentou-se e, com radiantes olhares, procurou notar os movimentes da Camara, que, immersa em profundo silencio, parecia attonita e perturbada.

Alguns dos mais afoitos sustentadores da proposta da amnistia, voltaram ao debate, sómente para articular certas recriminações e accusal-o de abusar do nome de Imperador, fa-

zendo desta fôrma pressão sobre os espiritos timoratos.

Elles tinham razão á vista da perturbação geral. A Constituinte temia o poder executivo e, desde que o orador paulista mostrou a probabilidade do Imperador não supportar a invasão de suas attribuições, de feito uzava dum argumento *ad terrorem*, mas decisivo. Antonio Carlos tirava dum precedente a força necessaria que dêsse ao seu discurso o poder de persuadir aos tímidos, de amedrontar os afoitos e ao grupo dos intellectuaes — ironicos e egoistas, porém attentos aos gestos do Governo. Releva remontar ao passado. Quando, no discurso da sessão solemne de 3 de maio, s. magestade declarou — *que só approvaria a Constituição digna de mim e do Brazil* — a Constituinte ficou tomada de terror. No voto de graças protestou ao Imperador — que formaria uma Constituição que merecesse a sua approvação. A Assembléa, agóra, não ousaria invadir as attribuições do Imperador, que, conforme ponderou Antonio Carlos, não estava disposto a consentir pacificamente em qualquer invasão de suas attribuições soberanas.

A Camara entendeu e por isso aquella interrogação produziu, em todos os espiritos, profundo e indeleavel effeito.

Quando, pela segunda vez, o orador assoma na tribuna, vinha seguro do effeito produzido e do medo que contorsia os animos dos representantes da nação.

Elle começa o seu discurso como um vencedor dirigindo-se a vencidos: vêde este tom: — «Ninguém mostrou, sr. presidente, a vantagem do projecto; ninguém respondeu a quanto objectei; ninguém mostrou que fôsse justo, que fôsse pratico e conveniente na situação em que nos achamos; ninguém mostrou que não fôsse perigoso e proprio a cauzar motin e discordia entre os poderes existentes e proprio a concorrer para ruina do Estado; ninguém mostrou por fim que o projecto não fôsse promover aquillo mesmo, que á primeira vista se queria evitar. Os nobres preopinantes, que falaram a favor, em nada disto tocaram; antes se metteram em coisas bem estranhas á questão, demoraram-se em incidentes e deixaram de parte a tendencia do projecto e a competencia nossa, que era a questão primaria.

A quem compete conceder amnistia? A' Camara, ou ao Imperador?»

O orador esmerilha a materia e mette pelos olhos da maioria timida, ou inexperiente o conflicto, que haverá si o imperador não quizer sancionar a lei.

Prevalendo-se da conjunctura, disserta eruditamente sobre as amnistias

segundo as diversas Constituições dos povos livres; aprecia principalmente a da Inglaterra.

«Por mais que folheio a historia, assegura o orador, nunca vejo sinão dois casos, em que se tenha concedido amnistia:—1º, no fim duma conquista para conciliar a vontade do povo subjugado e imprimir-lhe profundamente a bondade da vontade do conquistador:—2º, quando desavenças politicas dividem em dois partidos os membros duma sociedade. Alternam-se os bons e os máus successos; é incerto qual dos partidos tem razão, qual segue a verdadeira opinião geral: si um succumbe por fim—que deverá fazer o outro? Encher a medida das vinganças, ou lançar um véo sobre os seus e alheios desvarios?»

Antonio Carlos, conscio do receio que a Camara tinha de ingerir-se nas attribuições de s. magestade, poz em relevo duas idéas—que a Camara, *convenção ad hoc*, não tinha competencia para conceder amnistia:—que segundo o direito dos povos constitucionaes a faculdade de amnistiar era prerogativa da Corôa.

.....

«A historia nos proclama, diz o orador, a precisão dum poder conservador e, na monarchia, outro qualquer, que não seja o monarcha, é inutil. A nação, proclamando o Imperador, já lhe deu todos os poderes propios, já lhe pertence a faculdade, e si nós a quizermos tomar, ninguém tem obrigação de nos obedecer. O poder monarchico, despojado das attribuições—que já a nação lhe concedera e que o dosso ciúme lhe arranca—tem sem duvida direito de recorrer á nação que é o nosso juiz.»

Eis como Antonio Carlos ensina ao Imperador o que elle ha de praticar em 12 de novembro, isto é, a dissolução da Constituinte.

O orador entra numa ordem de questões de metaphysica do direito constitucional e, segundo os seus hábitos, orou larga e apaixonadamente.

Por fim, diz: — «um illustre preopinante affirmou—que eu, com desprezo do regimento, me servi do nome do Imperador, como de motivo estimulante, que obrigasse a Assembléa a acceder ás minhas proposições por temor de contrariar aquella vontade preponderante... O que apresentei como motivo para nossa decisão não foi a auctoridade e o nome do Imperador, foi sim os dictames da prudencia, que aconselha não decidir em casos duvidosos, mórmente quando da accelerada decisão pódem seguir-se discordias e desavenças entre as diversas peças da machina, de cuja harmonia pende o bem, a prosperidade e a tranquillidade do povo.»

Os sustentadores do projecto escu-

taram-no cabisbaixos; o grupo dos intellectuaes não fugiu nem mugiu... Todos temiam o hypothese figurada—que o Imperador entendesse que lhe invadia as attribuições; si acreditasse que a resistencia para sustentar sua dignidade era dever de consciencia e serviço do Brazil—qual o resultado?»

O orador deixou esta interrogação, qual a sombra de Banquo do drama shakspeareano, a voltear em derredor da meza do festim...

Esta interrogação decidirá da votação e da sorte do projecto que, nesta mesma sessão de 22 de maio, se realizou.

O deputado pernambucano, Moniz Tavares requereu que a votação fôsse nominal; com soffreguidão, a Camara approvou o pedido.

O projecto de amnistia foi rejeitado por uma grande maioria, que, não sendo dedicada ao gabinete de José Bonifacio, acatava e temia o Imperador.

A corajosa e patriótica minoria, muito reduzida, (porque alguns, que defendiam o projecto, votaram contra) não abandonou o posto de perigos; votou pela concessão de amnistia. Entre os votantes notou-se o deputado Araujo Lima (marquez de Olinda).

Desse momento em diante a imprensa do Governo, amarrando ao pelourinho os defensores do projecto, os açoitou impiedosamente, tratando-os de desorganizadores, demagogos, carbonarios, republicanos, inimigos da causa nacional. Ora, para a tal imprensa a bôa causa era o poderio do ministerio Andrada, inimigo da liberdade, cruel flagello dos brazileiros, auctor das devassas e perseguições.

O ministerio ficou muito ufano com a condemnação do projecto.—Esse triumpho lhe deram a palavra impetuosa de Antonio Carlos e o temor da Camara em tocar nas attribuições, que constituem a prerogativa da Corôa.

Em quanto estes factos se reproduziam e as devassas, em vez de firmar a ordem publica, aliás perturbada pelo terror das perseguições, que affligiam todas as classes, augmentava as desconfianças, creavam inimigos pôtoda parte; d. Pedro observava e parecia um pouco inquieto com a marcha da politica e do seu ministro—mórmente depois dos conflictos e perseguições na provincia de S. Paulo.

Por intuição propria, o Imperador começou a comprehender que o gabinete de 16 de janeiro, si continuasse, só serviria para impopularizal-o, para fazer arrefecer na alma da nação o enthusiasmo que elle inspirava. O seu bom senso dizia-lhe que um povo que lucha pela independencia quer viver sob um regimen de liberdade e, por conseguinte, não pódem supportar as perseguições das devassas, e até julgava que nada as justificava.

Ora d. Pedro, na ordem politica, amava duas coisas — o exercicio do poder absoluto e o entusiasmo da popularidade. Essa paixão da popularidade expellia do seu coração o prazer e o capricho da tyrannia ; a politica do ministerio não se conformava com seu temperamento. Cauteloso, elle dissimulou, esperando que os acontecimentos lhe forneceria azo de tomar uma resolução decisiva ; parecia que tinha os olhos fitos no mez de julho, que se approximava, como momento de crise.

* *

O Brazil, durante o regimen colonial, foi regido pela legislação civil e criminal do Reino, que tinha um só e absoluto legislador—el-rei. Separando-se da metropole e constituindo-se nação independente, soberana e livre, necessitava duma legislação, que regulasse as reclamações de seus habitantes entre si. Não ha nenhum povo que possa viver sem um regimen legal.

Elegeu-se a Assembléa Constituinte, que, na verdade, não estava em condições de fazer aquelle serviço á sociedade brasileira ; todavia, emquanto preparava as bases da Constituição politica e da organização do Estado, estabelecendo os poderes constitucionaes, cada um em sua esphera de acção, fixando os direitos da liberdade civil e politica, que formariam o patrimonio dos cidadãos brasileiros—tratava de decretar algumas leis, que indubitavelmente lhe pareciam mais reclamadas e indispensaveis. Até então, o principe regente, logar-tenente de el-rei, investido das faculdades da realza absoluta, havia promulgado alguns decretos. Eleita a Assembléa Constituinte, cuja missão era legislar, não competia ao principe regente continuar a exercer uma função, incompativel com a nova fórma de governo, que elle proprio adoptou e a nação proclamou.

Nas discussões da Assembléa, Antonio Carlos negava-lhe o poder de legislar, qualificando-a — *Convenção ad hoc*.

A maioria — feita excepção dum grupo de intellectuaes,—não entendendo da metaphysica das theorias constituicionaes, preconizadas pela imponente palavra do mestre do constitucionalismo, começava a hesitar em aceitar e votar qualquer projecto de lei. Entretanto, o povo, a cada momento, precisava de legislação que regulasse os actos da vida commum, ordinaria. Era, portanto, um objecto que não podia soffrer delonga. A' vista disso e comprehendendo que a Constituinte, quando mesmo se reputasse auctorizada com os poderes legislativos, não lhe seria dado improvisar

uma legislação que abrangesse as crescentes necessidades e as multiplas relações da vida civil dum povo que acabava de surgir na scena e no convívio das nações,—Pereira da Cunha, magistrado provector, formulou um projecto, mandando applicar e observar no novo imperio a antiga legislação das Ordenações do reino, Decretos, Alvarás e leis recentes que as côrtes fizeram e o principe regente mandou executar.

Nada mais racional e mais convinavel nas circumstancias em que achava-se o paiz. A urgencia dessa medida era indiscutivel e inadmissivel a procrastinação. Uma legislação não é obra dum dia ; fórma-se lenta e diuturnamente, conforme as variadas manifestações do desenvolvimento e das condições moraes e intellectuaes, economicas, agricolas, commerciaes, industriaes, etc., etc. Ella deve harmonizar-se com os instinctos, sentimentos nacionaes, e ser como que um apparelho apropriado ás luctas do trabalho e de todos os elementos que concorrem a crear a prosperidade e formar a grandeza da patria.

Demais, os brasileiros, pela lei sociologica da hereditariedade, principalmente naquella epocha,—filhos de portuguezes, conservavam os mesmos habitos e costumes, indole e capacidade, ambições e idéaes. A legislação, de certo, não vinha, como uma *novidade nova*, surprehender os espiritos, constringer as vontades, alterar os habitos, perturbar os uzos, emfim inverter o systema da vida que os filhos receberam dos paes, ou dos avoengos.

Pereira da Cunha justificou facil e substancialmente o seu projecto, cuja importancia todos reconheceram, havendo apenas divergencias em pontos secundarios. Apresentado na sessão de 5 de maio, acceito e lido, conforme o regimento, discutido em 30 de junho e ainda em seguintes sessões, foi definitivamente approved e sancionado em 30 de julho e, desde agosto, converteu-se a legislação antiga de Portugal em legislação patria. Ouviram-se oradores dos mais competentes considerar — uma indignidade o reger-mo-nos por leis absurdas, contrarias aos progressos do primeiro quarto do seculo XIX ; leis que remontavam ao dominio hespanhol. Lamentavam não termos um codigo civil que satisfizesse as necessidades, aspirações dos novos tempos. Que diriam aquelles paes da patria si, saíndo das solidões dos sepulchros, viessem encontrar-nos atarefados com o estudo das Ordenações, das leis extravagantes, etc. ; com aquillo mesmo que elles acoimavam de indignidade em 1823 ? ! Até hoje, a nação brasileira não conseguiu livrar-se de semelhante legislação

atrazada e pessima. Quaesquer que sejam os defeitos do projectado codigo civil, este é preferivel ás leis que fôram impostas pelos dominadores do reino e dos povos lusitanos em um seculo em que a força e o despotismo imperavam. O nosso codigo, modelado pelos codigos das nações modernas, naturalmente está de accordo com as idéas e sentimentos actuaes. Os erros e defeitos iriam sendo corrigidos pela sciencia dos jurisperitos, pela experiencia e sabedoria dos tribunaes. O governo que promovesse a execução do codigo civil, mereceria a gratidão de todos os pensadores, e ainda mais da nação, que tem interesse em ser, em suas relações da vida civil, regida por uma legislação conforme as necessidades actuaes.

Outros projectos fôram regeitados ; entre os acceitos, releva mencionar, pela importancia da materia, o dos governos e administrações provinciaes. Souza e Mello, na sessão de 7 de maio, submetteu á Camara um projecto, que obteve segunda leitura ; mas Gomide, representante de Minas Geraes, no dia 9 de maio, apresentou outro sobre o mesmo assumpto, e Antonio Carlos, no mesmo dia 9, terceiro identico. Todos fôram refundidos, servindo de base o de Antonio Carlos, talvez mais comprehensivel, ou reputado o melhor. Estes projectos fôram discutidos em muitas sessões até 28 de julho. Seria ingrato e por de mais inutil trabalho, referir as minucias das discussões, as opiniões de cada orador, algumas futilissimas. Essa não é a nossa tarefa ; queremos assignalar as idéas importantes que se encarnaram nos actos da Constituinte ; os pormenores evidentemente nos importam bem pouco, tambem não illustrariam os leitores. Referindo os projectos que contêm as idéas dos representantes das provinciaes, o nosso proposito é mostrar e verificar o gráu de intelligencia, a ordem de pensamentos de que era a Assembléa capaz de occupar-se ; e que não tinha a comprehensão das necessidades e das conveniencias da sociedade brasileira.

O projecto, a respeito dos governos provinciaes, soffreu muitas discussões ; em setembro, foi approved ; em 14 de outubro, sancionado. No dia 21 de maio, Antonio Carlos, não obstante sustentar que a Camara não era uma legislatura ordinaria, mas sómente uma *convenção ad hoc*, havia proposto a extincção do conselho de procuradores de provincia, projecto este que foi sancionado em 30 de agosto.

Em 22 de maio, Moniz Tavares tratou da naturalisação de portuguezes ; essa proposta, depois de algumas discussões, foi rejeitada em 25 de junho.

O deputado Caldas, num projecto,

provocou a Camara a prohibir a entrada de noviços nos conventos e foi rejeitada a idéa.

Em 24 de maio, leu-se a proposta do deputado Xavier de Carvalho, concernente á liberdade de imprensa; esta proposta unida a outras identicas, deixou de ter solução e ficou sepultada nos archivos.

A commissão de instrucção publica deu parecer *para se fazer um tratado de educação*; parecer que ficou dormindo na commissão de redacção.

Henriques de Rezende tratou da naturalisação de estrangeiros e retirou o seu projecto.

Fôram apresentados muitos outros sobre a elevação de villas á categoria de cidades, de povoações á de villas; por exemplo: Itaparica, onde, na Bahia, o tenente Botas derrotou alguns navios da esquadra portugueza durante a guerra do general Madeira. Os projectos sobre materias de administração ordinaria, como bens de ausentes, etc, não nos merecem attenção.

Eis ahi a summa dos objectos de que a Assembléa Constituinte se atarefou durante os longos mezes de suas estereis sessões. Vemos que ella realmente não comprehendia as grandes necessidades do paiz, as quaes reclamavam prompta satisfação.

A não ser o projecto sobre o estabelecimento das Universidades, de Fernandes Pinheiro, representante rio-grandense, tudo mais é vulgar e demonstra a incapacidade da Constituinte para satisfazer as necessidades dum povo que desejava constituir-se com os meios de entrar e proseguir na senda das nações cultas sob o influxo do seculo, que promettia felicitar os povos com os beneficios da civilisação moderna.

EUNAPIO DEIRÓ.

MUSA DO ASYLO

RIMAS EM QUADRAS

(Hospicio Nacional: criticismo)

Com esse titulo e sub titulos, recebemos de «um leitor recolhido ao Hospicio porque dizem que é doido», os seguintes versos, cuja publicação elle nos pede, e nós a fazemos a titulo de curiosidade.

O nosso alumno Barros,
Estuda para ser doutor,
Mas parece que lhe falta
O necessario pendor.

O pendor, que é rebelde,
Nada tem d'esculapino,
E muito se manifesta
No *caturrila* menino.

Todo cheio de vaidade,
Já inculca competencia;
E suas fôfas lembranças
São de má adolescencia.

Deste modo, apontado,
O alumno quer ser doutor,
Mas parece que lhe falta
O necessario pendor.

P'ra official de pharmacia,
Elle tem bastante geito;
Si não fôsse inconsciente
Gozaria do proveito.

Todavia, a esperanza,
Que lhe povôa a cachola,
Attenúa pouco a pouco
O precario mariola.

Oxalá, que nesse futuro,
O alumno tome juizo,
E fuja das presumpções
Que lhe entram de improviso.

Não me julguem capcioso,
Estas cousas explicando,
Pois o menino *caturrila*
Não presta para doutorando.

E si elle quizer teimar,
Em ser fórte estudante,
Seja logo sorriado.
P'ra não ir mais avante.

Terminando estas quadras
Aqui deixo bem expressado,
Que o alumno, inda imberbe,
Só quer ser doutorado.

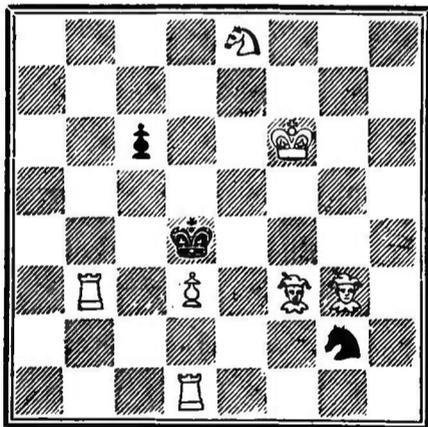
Do AQUINO, critico.

XADREZ

PROBLEMA N. 44

E. J. Winter Wood

PRETAS (3)



BRANCAS (7)

Mate em dois lances

**

PARTIDA N. 46

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 13 de outubro de 1905)

GIUOCO PIANISSIMO

Brancas Pretas
(Frota Pessoa) (Raul de Castro)
P 4 R — 1 — P 4 R
C 3 B R — 2 — C 3 B D

B 4 B — 3 — B 4 B
P 3 B D — 4 — C 3 B R
P 3 D — 5 — P 3 D
B 5 C R — 6 — C 4 T D
C D 2 D — 7 — C X B
C X C — 8 — B 3 R
C D 3 R — 9 — D 2 D
B X C — 10 — P X B
P 4 D — 11 — B 3 C (a)
P 3 T R (b) — 12 — P 3 B D
D 4 T D (c) — 13 — D 2 R
Roque T. D. (d) — 14 — B 2 D
C 5 B R — 15 — B X C (e)
P X B — 16 — P 5 R (f)
P 4 B D ? (g) — 17 — Roque (T. R.)!
T R 1 R — 18 — P 4 D
P X P — 19 — P X P
R 1 C (h) — 20 — D 3 D
C 4 T R — 21 — D 5 B R
P 3 C R — 22 — D X P 7 B
T 1 B R — 23 — D 6 R
C 2 C (i) — 24 — P X P
D 7 D — 25 — T D 1 D
D 7 R — 26 — D 3 D
D X D — 27 — T X D
T 1 C R — 28 — T R 1 R
P 4 T R — 29 — R 1 B
C 3 R — 30 — B 2 B
T 2 C — 31 — T 2 D
C 4 C — 32 — R 2 R
C 6 T — 33 — R 1 D
T 7 C — 34 — P 6 R
C X P B x — 35 — R 1 B (j)
P 4 C D (k) — 36 — P 7 R
T 1 R — 37 — T X C!
abandonam — 38 —

(a) Si 11... P X P, ficariam isolados os dois piões dobrados do B. (R).

(b) Ameaçando P 5 D.

(c) Si 13—P 5 D, B X C; 14—P X B, P X P;—15—P X P, B 4 B, etc.

(d) Fraco e prematuro.

(e) Si 15... P 4 B D; 16—D 3 C, B X C; 17—P X B e as Br. estão melhor.

(f) Lance opportuno.

(g) E' claro que o C não pôde ser tomado por causa de T 1 R, mas o lance correcto não é o do texto e sim P 5 D! para isolar o P R. Agóra a partida das Br. está seriamente compromettida.

(h) Para evitar D 2 B x, seguido de P X C.

(i) Muito melhor seria: 24—T R, 1 R. D 4 C R. ou 3 T R (forçado); 25—D 7 D, etc.

(j) Todo este final é muito habilmente jogado pelas Pretas.

(k) Para evitar B 4 T D que viria proteger a entrada do P R.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 43 (Fraisé): D 6 B D.

JOSÉ GETULIO.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.